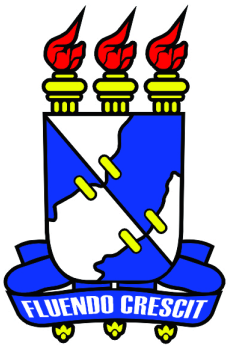
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



LUCAS PASSOS LINS

"BLACK, BLANC, BEUR": A CONTRADIÇÃO ENTRE OS IMIGRANTES NA SELEÇÃO DE FUTEBOL MASCULINO E NA SOCIEDADE FRANCESA

São Cristóvão/SE

2025

LUCAS PASSOS LINS

"BLACK, BLANC, BEUR": A CONTRADIÇÃO ENTRE OS IMIGRANTES NA SELEÇÃO DE FUTEBOL MASCULINO E NA SOCIEDADE FRANCESA

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Campos.

São Cristóvão/SE

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à toda a minha família, e em especial, meus pais, Franklin e Jene, alicerces da minha vida e os meus principais motivadores durante minha trajetória acadêmica.

À minha irmãzinha Anne, que alegra meus dias desde que chegou a esse mundo. Espero que esse trabalho te inspire na futura jornada que te aguarda quando você decidir o caminho que quer traçar para sua vida.

À minha namorada Ellen, a qual nunca mediu esforços para me ver sorrir e foi não só minha melhor amiga, mas também o meu porto seguro durante todos esses anos da graduação.

Ao meu orientador Geraldo Adriano Campos, que acima de tudo, foi um parceiro que encontrei na Academia. Obrigado por todos os ensinamentos.

Ao meu grande e excelente grupo de amigos: Victor, Joara, Morato, Lucho, Duda, Lorena, Fred, Iza, Roberta e Martinha, agradeço muito por fazer da graduação uma das melhores fases da minha vida.

À todo o pessoal do CEAI, por me acolherem e me inspirarem a me tornar uma pessoa melhor. Em especial, ao meu camarada Ahmed Zoghbi, pelos conselhos e palavras de valor.

Ao meu falecido padrinho Carlos Alberto, cuja paixão pela vida e pelo futebol nunca deixará de me inspirar. Se depender de mim, sua memória estará para sempre viva.

Ao futebol, que transformou minha vida e me faz sentir uma aquarela de sentimentos dos quais só aqueles que o amam entendem. Um viva ao jogo de todo mundo.

À todas as pessoas que, mesmo não mencionadas aqui especificamente, ajudaram esse trabalho a se tornar realidade. Meus sinceros agradecimentos a todos vocês!

C'est un pour les miens, arabes et noirs pour la plupart
Et pour mes babtous, prolétaires et banlieusards
Le deux, ce sera pour ceux qui rêvent d'une France unifiée
Parce qu'à ce jour y a deux France, qui peut le nier?
Et moi j'suis de la deuxième France, celle de l'insécurité
Des terroristes potentiels, des assistés
C'est c'qu'ils attendent de nous
Mais j'ai d'autres projets qu'ils retiennent ça
Je ne suis pas une victime mais un soldat
Regarde-moi, j'suis noir et fier de l'être
J'manie la langue de Molière, j'en maîtrise les lettres
Français parce que la France a colonisé mes ancêtres
Mais mon esprit est libre et mon Afrique n'a aucune dette
(Kery James, Banlieusards)

RESUMO

A Seleção Francesa de Futebol Masculino, conhecida popularmente como *"Black, Blanc, Beur"* em alusão à variedade de etnias de seus jogadores, busca se mostrar como um retrato positivo da imigração no país, e sobretudo, como um grande exemplo do sucesso da integração desses imigrantes em meio à sociedade. Esse estudo, portanto, busca desmistificar essa representação, expondo a contradição existente entre os imigrantes na sociedade francesa, alvos de preconceitos e marginalizados, e os imigrantes na Seleção Francesa, celebrados e glorificados, focando-se nas duas gerações campeãs do mundo pela França, as de 1998 e 2018 e os respectivos governos da época, chefiados por Jacques Chirac e Emmanuel Macron. Foi utilizada predominantemente a metodologia qualitativa, com estudos sobre imigração e integração na França, além de historiografia sobre a Seleção Francesa e os imigrantes e seus descendentes que vestiram a camisa azul. O desenvolvimento da pesquisa passou, invariavelmente, pelas políticas colocadas em prática pelos presidentes, com seus devidos impactos sociais; pelo questionamento ao modelo de integração republicano francês; pelos desafios quotidianos dos imigrantes no país; e pelo retrato político construído pela Seleção, seus feitos dentro das quatro linhas, e pelos posicionamentos dos jogadores que marcaram época com a camisa azul.

Palavras-chave: França; Futebol; Integração Republicana; Imigração; Multiculturalismo; *Banlieues*; Seleção Francesa.

ABSTRACT

The French Men's National Football Team, popularly known as "Black, Blanc, Beur" in reference to the variety of ethnicities of its players, seeks to present itself as a positive portrayal of immigration in the country, and above all, as a great example of the successful integration of these immigrants into society. This study, therefore, seeks to demystify this representation, exposing the contradiction that exists between immigrants in french society, targets of prejudice and marginalized, and immigrants in the French National Team, celebrated and glorified, focusing on the two generations that won the World Cup for France, those of 1998 and 2018, and the respective governments at the time, led by Jacques Chirac and Emmanuel Macron. The methodology used was predominantly qualitative, with studies on immigration and integration in France, in addition to historiography on the French National Team and the immigrants and their descendants who wore the blue jersey. The development of the research invariably involved the policies implemented by the presidents, with their due social impacts; the questioning of the French republican integration model; by the daily challenges faced by immigrants in the country; and by the political portrait created by the National Team, its achievements on the pitch, and by the positions taken by the players who made history wearing the blue shirt.

Keywords: France; Football; Republican Integration; Immigration; *Banlieues;* French National Team.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro comparativo entre Jacques Chirac e Emmanuel Macron..... 46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 9

1 IMIGRANTES NA FRANÇA: PIONEIRISMO, DESIGUALDADE E AS VIAS DA INTEGRAÇÃO REPUBLICANA.....11

2 A FRANÇA DOS ANOS 90 E INÍCIO DOS ANOS 2000: GOVERNO DE JACQUES CHIRAC.....20

2.1 O Mundial de 1998 e a seleção *"Black, Blanc, Beur"*..... 27

2.2 A questão do véu e a liberdade religiosa na França.....32

2.3 O interregno: breves considerações sobre Sarkozy e Hollande..... 35

3 O MACRONISMO E A NOVA GERAÇÃO DE OURO DOS *BLEUS*.....40

3.1 Os posicionamentos políticos de Lilian Thuram e Kylian Mbappé.....48

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....55

INTRODUÇÃO

A República Francesa é um país de extrema relevância no cenário internacional, constituindo-se como uma das grandes potências econômicas e militares do planeta. Todavia, esse mesmo país que reivindica o posto de vanguarda do humanismo, é também algoz em um extenso passado colonial, cujas reverberações possuem impactos na contemporaneidade, principalmente por meio da imigração de indivíduos oriundos das antigas colônias.

Historicamente, a presença de imigrantes no seio social francês esteve associada a inúmeros questionamentos acerca de sua participação efetiva na sociedade e sua integração aos costumes da vivência na ex-metrópole. O que se enxerga na atualidade da França é a integração dos imigrantes no molde republicano, definido pela socióloga Dominique Schnapper (2007) como um processo no qual todos os cidadãos, independentemente de suas origens étnicas ou culturais, são vistos como parte indivisível do Estado Francês, que garante sua liberdade e igualdade na esfera pública.

A integração republicana adotada pela França não é, contudo, insenta de inúmeros questionamentos como, por exemplo, sobre a religiosidade na esfera pública, principalmente após os atentados de Paris em 2015[1]; sobre a pobreza e desigualdade social que imperam nos bairros responsáveis por acomodar esses contingentes populacionais; e sobre a violência da polícia francesa em relação aos imigrantes e seus descendentes. Todas essas pautas estão presentes no cotidiano do país, motivando debates, políticas e abordagens distintas por parte daqueles que estão no poder, algo que o presente trabalho pretende analisar.

Por outro lado, enquanto a desconfiança e o preconceito pairam sobre os imigrantes na sociedade, esses mesmos indivíduos com raízes em ex-colônias elevaram o patamar da Seleção Francesa de Futebol. Sob a tutela de grandes jogadores como o franco-argelino Zinédine Zidane e Kylian Mbappé, filho de mãe argelina e pai camaronês, os *Bleus* conquistaram duas Copas do Mundo, motivando políticos e formadores de opinião de atitudes dúbias em relação aos imigrantes a afirmarem que a seleção é um retrato de uma França humana e multicultural (Adler, 2022). É fato que o país virou uma referência dentro das quatro linhas muito por conta dos jogadores cujas origens se encontram em suas ex-colônias. Os dois jogadores citados acima, líderes técnicos de suas respectivas gerações, refletem em suas histórias a realidade social dos imigrantes e seus descendentes no país, com o futebol

[1] Atentado terrorista de autoria reivindicada pelo Estado Islâmico, como represália pelas inteverções militares francesas na Síria e no Iraque. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-em-paris/noticia/atentados-em-paris.ghtml>.

possibilitando um caminho de afirmação e reconhecimento com a camisa francesa, fugindo da invisibilização que, infelizmente, é a regra para essas pessoas.

O papel histórico de craques como Zidane e Mbappé leva inevitavelmente ao questionamento do porquê por um lado os imigrantes são celebrados como ícones representantes de um país multicultural e igualitário e por outro são desvalorizados como membros de uma camada inferior da sociedade francesa.

A França carrega as marcas de seu passado colonial, que se expressa nas tensões sociais, marginalização, violência policial e na estrutura com a qual o estado francês lida com essas pessoas. Embora o país pregue os valores republicanos que celebram a igualdade de direitos para todos, a realidade mostra que os imigrantes e seus descendentes enfrentam barreiras gigantescas em suas vidas quotidianas no país.

O presente trabalho pretende, portanto, problematizar a mistificação da Seleção Francesa de Futebol a partir da dicotomia entre a realidade social dos imigrantes na França e o seu papel no discurso político integracionista. O recorte temporal da pesquisa estará focado nas duas gerações campeãs, em 1998 e 2018, e nos governos dos respectivos presidentes das épocas, Jacques Chirac e Emmanuel Macron (breves apontamentos serão feitos sobre as administrações que estiveram entre esses dois períodos, as de Sarkozy e Hollande).

E além disso, esse trabalho também objetiva mostrar que, como agentes sociais, os próprios jogadores da Seleção Francesa não se mantêm inertes ao ideal de um país harmonioso que o poder político se presta a mostrar. Figuras como Lilian Thuram e Kylian Mbappé, que utilizam suas vozes para expor as desigualdades e as discriminações presentes na França, são os pivôs de um movimento que vai de encontro à instrumentalização dos *Bleus* como símbolo de um país idealizado pelas suas forças políticas e governamentais.

1 IMIGRANTES NA FRANÇA: PIONEIRISMO, DESIGUALDADE E AS VIAS DA INTEGRAÇÃO REPUBLICANA

Nós árabes e negros
Não estamos aqui por acaso
Toda chegada tem sua partida!
Você queria imigração
Graças a ela você se empanturrou até a indigestão.
Acredito que a França nunca fez caridade.
Imigrantes são apenas mão de obra barata.
Guarde sua ilusão republicana para si mesmo
(Kery James, Lettre à la République, tradução própria)

A imigração na França pode ser remontada a alicerces temporais específicos, os quais nos ajudam a compreender, em um primeiro momento, o processo histórico da mobilidade humana ao país europeu. Antes de 1851, a imigração na França era pautada principalmente por seus países vizinhos em regiões de fronteira, com destaque para alemães, belgas, suíços, italianos, espanhóis e britânicos (Morokvasic-Muller *et al*, 2008, p. 5-6).

Após a conquista militar da Argélia, entre 1830 e 1847, grandes porções de terra do oeste e norte africano passaram ao controle colonial dos franceses, com imigrantes dessas regiões passando a residir na metrópole, principalmente com o advento da Primeira Guerra Mundial (Morokvasic-Muller *et al*, 2008, p. 6). O papel que essas pessoas desempenhavam em solo francês era principalmente econômico, ocupando trabalhos que não eram almejados pelos locais, como, por exemplo, nas fábricas. Além disso, dava-se prioridade às nacionalidades tidas como "mais fáceis de integrar" (Spire, 2005 *apud* Morokvasic-Muller *et al*, 2008, p. 6), em uma das primeiras menções ao processo de integração dos imigrantes.

> Um futuro possível para os colonizados pelos franceses era a aculturação ou assimilação, de modo que em última instância, todos poderiam tornar-se cidadãos franceses plenos, as colônias seriam integradas com França metropolitana, e os cidadãos africanos poderiam partilhar igualmente com os nascidos em França na sua instituições. (...) Em 1937, de um número estimado de 15 milhões de pessoas sob domínio francês na África Ocidental, apenas cerca de 80.500 eram cidadãos, e apenas 2.500 deles adquiriram a cidadania por outro meio que não o nascimento acidental em uma das quatro comunas. Isto significa que o teórico acesso à cidadania dificilmente foi posto em prática, devido aos critérios rigorosos que só poderiam ser satisfeitos por uma pequena minoria de candidatos[2] (tradução nossa).

O trecho acima de Morokvasic-Muller *et al* (2008, p. 7-8) ajuda a ilustrar a forma com a qual a questão da cidadania se apresentava para os habitantes das colônias francesas.

---

[2] No original: *"A possible future for those colonised by the French was acculturation or assimilation so that ultimately they could all become full French citizens, the colonies would be integrated with metropolitan France, and African citizens could share equally with the French-born in its institutions. (...) By 1937, out of an estimated 15 million people under French rule in western Africa, only some 80,500 were citizens, and only 2,500 of these had acquired their citizenship by means other than the accident of birth in one of the four communes. This means that the theoretical access to citizenship was hardly put into practice because of the stringent criteria which could only be met by a tiny minority of applicants."*

De antemão, já é possível perceber que para os habitantes das colônias alcançarem a cidadania francesa era necessário passar por um processo assimilatório, absorvendo os traços tidos como necessários para viver na metrópole, o que, na prática, só era viável para uma pequena parte dos colonizados. Em sua obra "Cultura e Imperialismo", o professor palestino Edward Said (2011) traz um apontamento relevante sobre o processo colonial francês. Utilizando-se de um levantamento feito pela cientista política Manuela Semidei dos livros didáticos franceses no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Said escreve:

> Semidei observa que esses textos escolares do entreguerras fazem uma comparação entre a França e a Inglaterra, favorável à primeira, no sentido de que exercia um governo colonial superior, sugerindo que os domínios franceses eram comandados sem o preconceito nem o racismo de seus parceiros britânicos. Na década de 1930, esse tema é repetido à exaustão. Quando há alguma referência à violência na Argélia, por exemplo, ela é feita de tal maneira que as forças francesas parecem ter sido obrigadas a tomar essas medidas desagradáveis devido ao "*ardeur réligieuse et par l'attrait du pillage* [fervor religioso e ao gosto dos nativos pela pilhagem]". Agora, porém, a Argélia tornou-se "uma nova França" : próspera, com muitas e excelentes escolas, hospitais e estradas. Mesmo após a independência, a história colonial francesa é considerada essencialmente construtiva, lançando as bases para laços "fraternos" entre ela e suas ex-colônias (Said, 2011, p. 287-288).

Com o excerto acima, percebemos que no discurso colonial a naturalização dos colonizados como passíveis de serem civilizados sempre esteve presente. Como Said demonstra em sua obra, aos olhos do colonizador sempre se fez necessário justificar a dominação dos colonizados por meio de discursos e narrativas, mesmo que, na prática, seja exercida a violência em suas mais diversas formas (Said, 2011).

Voltando o foco para o futebol, foi durante o período colonial francês que surgiram os primeiros futebolistas de origem imigrante no país, os quais, pouco a pouco, começaram a frequentar o campeonato nacional. A presença desses jogadores se intensificou no período entre guerras, com alguns deles sendo convocados para a Seleção Francesa, o que pode ser observado na figura de Alexandre Villaplane, meio campista nascido na Argélia e que capitaneou os *Bleus* no primeiro mundial da história, realizado em 1930 no Uruguai. Apesar de seu marco histórico, Villaplane morreu fuzilado em 1944 pela Resistência Francesa, por sua colaboração com os nazistas no período da Segunda Guerra Mundial (Blanchard; Gastaut, 2019, p. 44).

Apesar de controverso, Villaplane abriu as portas para que outros imigrantes pudessem brilhar com a camisa azul, que ficou marcada pela figura do craque marroquino Larbi Ben Barek, um dos primeiros jogadores de renome a jogar pela França, conhecido como "a Pérola Negra de Casablanca". Atacante de talento, Ben Barek era tão notável que o próprio Pelé

declarou publicamente que “se ele era o Rei do futebol, Ben Barek era o Deus.” (Blanchard; Gastaut, 2019, p. 44-46).

Todavia, mesmo com o sucesso dos imigrantes no futebol francês, socialmente o retrato era outro. Nessa perspectiva, Huysmans (2000, p. 753-754) expõe que nas décadas de 1950 e 1960 a França recebeu um contingente ainda maior de imigrantes, devido à escassez de mão de obra no cenário pós-Segunda Guerra. As agências responsáveis por recrutar esses trabalhadores muitas vezes não os regularizaram uma vez que já estivessem dentro do país, o que respaldou uma série de explorações por parte de seus empregadores.

Com os imigrantes cada vez em maior número no território francês, a habitação se tornou um desafio para essas pessoas. Muitos passaram a se fixar nas redondezas das grandes cidades em moradias irregulares que, com o tempo, passaram a constituir periferias, nomeadas pejorativamente de *banlieues*[3]. A realidade desses locais e de seus habitantes era de pobreza, violência, falta de oportunidades e moradias de baixa renda. Para além disso, Angélil e Siress (2012) explicam que os *banlieues,* ressaltando as diferenças socioeconômicas entre as periferias e os centros urbanos, se tornaram o epicentro de conflitos entre jovens, principalmente aqueles com ascendência nas antigas colônias, e a polícia.

É com esse cenário que podemos perceber que, desde o princípio, a França já construía uma dualidade entre as dinâmicas de integração de imigrantes no futebol e na sociedade. No esporte, os imigrantes eram celebrados por seu talento e garra, mas no seio social eram excluídos e marginalizados quotidianamente. Essa contradição seria expandida com a popularização do futebol, que passou a transformar a forma como o mundo enxergaria o país das promessas de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade"..

A cada vez maior presença de jogadores negros, arábes, polinésios e asiáticos na Seleção Francesa abre margem para debates que as forças políticas do país vêm há muito tempo tentando esconder. O pioneirismo de figuras como Ben Barek é o primeiro passo para entender como a presença de minorias dentre os melhores futebolistas de uma “antiga” potência colonial pode dizer tanto sobre o tratamento reservado a essas mesmas pessoas na sociedade francesa.

Seguindo por essa linha de pensamento, a chave para começar a compreender o ponto principal desse trabalho é entender como os diferentes governantes franceses enxergaram as

---

[3] *Banlieue* vem do latim *banleuca*, palavra utilizada para designar um espaço de uma légua ao redor das cidades que era proibido à sociedade feudal. Nesse sentido, Angélil e Siress (2012) explicam que, no francês moderno, *banlieue* adquiriu o sentido pejorativo das periferias com moradias de baixo custo que abrigam principalmente famílias imigrantes, marcadas pela violência, pobreza e desemprego.

pessoas que migram para o país, e como os discursos foram se moldando à retórica da integração republicana.

Geoff Hare (2003, p. 120) afirma que o final do século XIX representou uma virada de chave para a França que conhecemos hoje, na qual os valores republicanos começaram a ser implantados no sistema de educação, visando criar uma coesão social respaldada na indivisibilidade da República Francesa. Após as duas grandes guerras e a cada vez maior presença de imigrantes na França, principalmente aqueles oriundos de antigas colônias, o termo "integração" ganhou proeminência no debate político francês a partir da década de 1980, conforme argumenta Michael Samers (2020, p. 59).

> Comecemos pela relação entre integração e cidadania como conceitos. A cidadania pode ser concebida como tendo três dimensões, nomeadamente como compreendendo determinados estatutos jurídicos, como um conjunto de regras formais direitos e como forma de "pertencimento". Embora o estatuto jurídico possa parecer mais uma questão da cidadania do que da integração, os debates no governo francês durante a década de 1990 consideraram a naturalização de especialmente jovens pessoas como uma questão de "integração"[4] (Samers, 2020, p. 59, tradução nossa).

Samers (2020, p. 59-60) adiciona que a integração versa muito mais sobre uma sensação de pertencimento, no sentido de não só se adequar ao caráter secular e republicano da França, mas também de estar adequadamente assentado no país, com acesso a pleno emprego, moradia e educação. Ainda assim, essas práticas vão para além disso, com a integração também estando presente em questões culturais, recreacionais e religiosas. Para o republicanismo, em teoria, todos os imigrantes que aceitam esses valores são cidadãos franceses e iguais perante a lei, independentemente de sua origem étnica, religiosa ou cultural.

O autor ainda coloca a temática da integração dentro de um espectro, o qual ele explica como acomodando em uma ponta, o multiculturalismo, e na outra a assimilação. Samers explica o primeiro como sendo a "celebração das práticas dos imigrantes" e o segundo como "expectativa que os imigrantes se adequem às práticas políticas e socioculturais dos cidadãos daquele país", com a França se encaixando neste segundo modelo (Samers, 2020, p. 60). Sobre o multiculturalismo, ele ainda adiciona:

> O 'multiculturalismo' é então uma combinação de discursos, ideologias, filosofias políticas, práticas formalizadas e informalizadas e formas de governança (incluindo políticas que tentam "gerir" a diversidade humana) que, em certa medida, "consertam a cultura". Afinal, as 'culturas' são produzidas, fluidas e não

[4] No original: *"Let us begin with the relationship between integration and citizenship as concepts. Citizenship may be conceived as having three dimensions, namely as comprising certain legal statuses, as a set of formal rights, and as a form of 'belonging'. While legal status may seem more a question of citizenship than integration, debates in the French government during the 1990s considered the naturalization of especially young people as an issue of 'integration'."*

> internamente coerentes. Em qualquer caso, é também um conjunto de movimentos políticos ligados ao sentimento de pertencimento das pessoas associadas a uma chamada "cultura" ou "culturas", em outras palavras, é uma política de identidade ou comunitarismo que são percebidos como estando em oposição ao Republicanismo e à laicidade[5] (Akan, 2009 *apud* Samers, 2020, p. 60, tradução nossa).

Além de Samers, o professor italiano Andrea Semprini (1999) também traz considerações interessantes sobre o multiculturalismo. Nesse sentido, Semprini estabelece esse conceito como sendo, basicamente, um conjunto de políticas e práticas que reconhecem e visam lidar com as diferenças culturais, variando conforme determinado país e seu contexto histórico. No contexto francês, o multiculturalismo compreende o choque entre o teórico universalismo da integração republicana e as diversas identidades culturais presentes no país, como por exemplo, a da comunidade muçulmana. Portanto, a contribuição de Samers (2020) é mais útil para esse trabalho devido ao teor de seu texto, que é focado na França, apesar da devida importância da obra de Semprini (1999) para o debate.

Nesse sentido, Samers (2020, p. 60-61) faz um apontamento muito relevante, afirmando que na França, na qual vigora o princípio do *jus solis*[6] passa-se a imagem de que a cidadania só seria impraticável para aqueles que rejeitam a cultura política da França, o republicanismo. Todavia, o autor reitera que essa concepção é enganosa, e a posição francesa "daltônica", que passa por cima das particularidades de imigrantes contanto que eles adotem a os valores republicanos é irreal, podendo ser enxergada por meio do nacionalismo xenofóbico que tem marcado o discurso político do país desde a década de 1980, quando a imigração se tornou uma pauta de maior proeminência no debate público do país.

Autores problemáticos como Éric Zemmour e Renaud Camus, difusores de discursos racistas e xenofóbicos, mostram que o teórico não reconhecimento de minorias étnicas e culturais pautado na integração republicana é falacioso, visto que na prática a discriminação e a ótica dicotômica entre franceses e imigrantes persiste no país, mesmo que os últimos gozem do status de cidadania (Samers, 2020, p. 60).

---

[5] No original: *"'Multiculturalism' then is a combination of discourses, ideologies, political philosophies, formalized and informalized practices, and forms of governance (including policies that attempt to 'manage' human diversity) which to some extent 'fix culture'. After all, 'cultures' are produced, fluid and not internally coherent. In any case, it is also a set of political movements tied to people's sense of belonging associated with a named 'culture' or 'cultures', in other words an identity politics or communitarianism that are perceived to be in opposition to Republicanism and laïcité."*

[6] *Jus solis*, na definição do jurista Marco Antônio de Oliveira e Silveira é quando "a nacionalidade originária é obtida em virtude do território onde o indivíduo tenha nascido – regra do solo, logo, não importa a nacionalidade dos pais, pois o direito é concedido em razão do nascimento no território do Estado que permita este sistema. Ver a publicação disponível em:<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/diferencas-entre-as-formas-de-atribuicao-de-nacionalidade-jus-soli-brasil-e-jus-sanguinis-portugal/1181856860>.

Na visão da socióloga francesa Dominique Schnapper (2007, p. 27), a integração está profundamente ligada ao processo da modernidade democrática, em que todos os indivíduos devem ser integrados de forma a serem livres e iguais perante à sociedade nacional. Nesse sentido, Schnapper (2007) define a integração como um processo sociológico que visa a coesão, partindo de um ponto similar ao de Michael Samers (2020). Retomando autores clássicos como Émile Durkheim e Max Weber, a autora demonstra que esse processo visa incorporar os indivíduos na sociedade, o que levanta questionamentos sobre como esse procedimento pode ser efetivado face à diversidade cultural que marca os imigrantes que chegam a um novo território.

Assim como Samers (2020), Schnapper (2007, p. 203) pauta o processo integratório na França com base nos ideais republicanos, que são replicados nos discursos políticos. O modelo de integração francês, fortemente normativo, passa pela noção de um país indivisível, no qual todos os cidadãos são iguais em suas vidas públicas perante o Estado. Ela ainda adiciona que o domínio público é um palco de igualdade, independentemente de referências históricas e culturais específicas que as pessoas possam carregar. Ademais, na visão da autora, o Estado deve ser o garantidor do acesso à empregabilidade e à educação, visando combater indicadores negativos como a pobreza e a desigualdade.

Percebe-se, portanto, que a integração listada por Dominique Schnapper (2007) reside no campo da igualdade social perante o Estado, com todas as pessoas devendo gozar dos mesmos benefícios sociais, visão similar a que Samers (2020) pauta e critica em seu texto, quando o mesmo traz o crescimento de discursos racistas e xenofóbicos no debate público na França.

Por outro lado, ao colocarmos a obra de Schnapper frente à etnografia do antropólogo francês Didier Fassin (2013), podemos perceber que a integração nos moldes republicanos é um artifício desleal, incapaz de compreender a realidade em sua complexidade. Nesse sentido, a obra de Fassin é uma imersão no quotidiano das forças policiais na França, que ilustra o relacionamento do Estado com as populações imigrantes no país como profundamente marcado pelo racismo e xenofobia, em um processo que contribui para a desvirtuação e securitização desses contingentes populacionais, ao contrário da ótica equitativa pretendida pela integração republicana.

A obra de Fassin (2013) deixa muito claro que a discriminação institucionalizada em relação aos imigrantes é um imenso empecilho para a coesão social, colaborando para estigmatizar, marginalizar e causar inquietações sociais no seio dos *banlieues*, locais onde as pessoas são tratadas efetivamente como cidadãos de segunda classe. É impossível que haja

cidadania com igualdade se apenas uma parcela da população é discriminada, perseguida e morta nas periferias.

Com base nas ideias do cientista político e autor das Relações Internacionais, David Campbell (1992), quando este analisa a construção discursiva da segurança, fica nítido enxergar que enquanto a França se posiciona internacionalmente como defensora dos direitos humanos (muitas vezes classificada como o berço dos mesmos, por conta da Revolução Francesa), o país justifica políticas de extrema repressão contra as comunidades imigrantes que vivem nos *banlieues*. Esses locais são, portanto, classificados como "zonas de exclusão", o que ressalta a diferença entre "nós" e os "outros", com esses últimos sempre adquirindo características negativas, como a criminalidade, marginalização e o extremismo. O discurso universalista do poder político na França mostra para o mundo que o "ser francês" parte de uma ótica geral, de igualdade perante à lei e acesso aos serviços públicos. Todavia, na prática, esse universalismo ou "republicanismo" se baseia em diferenças culturais, desenhando o que faz parte da identidade nacional e o que é estrangeiro (Campbell, 1992).

Como tais diferenças culturais são marcadas por dispositivos de racialidade em contexto de descolonização, podemos pensar o conceito de "neorracismo", nas linhas propostas pelo filósofo Étienne Balibar.

> O neorracismo é um racismo da era da "descolonização", da reversão dos movimentos populacionais entre as antigas colônias e as antigas metrópoles, e da divisão da humanidade dentro de um único espaço político. Ideologicamente, o racismo atual, que na França se centra no complexo da imigração, enquadra-se num quadro de "racismo sem raças" que já está amplamente desenvolvido em outros países, particularmente nos anglo-saxões. É um racismo cujo tema dominante não é a hereditariedade biológica, mas a intransponibilidade das diferenças culturais, um racismo que, à primeira vista, não postula a superioridade de certos grupos ou povos em relação a outros, mas 'apenas' a nocividade da abolição de fronteiras, a incompatibilidade de estilos de vida e tradições; Em suma, é o que P. A. Taguieff tem corretamente chamado de *racismo diferencialista*[7] (Balibar, 1991, p. 21, tradução nossa).

Esse conceito fornece uma visão compatível com o pensamento de Campbell (1992), pois o neorracismo é o que, de fato, está por trás da securitização dos povos imigrantes e do republicanismo teoricamente universalista e secular. Na França, como veremos com mais detalhes neste trabalho, a securitização e marginalização dessas pessoas é uma política de

[7] No original: *"The new racism is a racism of the era of 'decolonization', of the reversal of population movements between the old colonies and the old metropolises, and the division of humanity within a single political space. Ideologically, current racism, which in France centres upon the immigration complex, fits into a framework of 'racism without races' which is already widely developed in other countries, particularly the Anglo-Saxon ones. It is a racism whose dominant theme is not biological heredity but the insurmountability of cultural differences, a racism which, at first sight, does not postulate the superiority of certain groups or peoples in relation to others but 'only' the harmfulness of abolishing frontiers, the incompatibility of life-styles and traditions; in short, it is what P. A. Taguieff has rightly called a differentialist racism."*

Estado, fomentada com base em um pensamento neocolonial e "neorracista", como Balibar descreve acima.

Traçando um paralelo entre Balibar (1991) e Samers (2020) pode-se afirmar que a exclusão social na França é sustentada de forma a deslocar o racismo para o campo cultural (neorracismo), de maneira que a marginalização dos imigrantes seja justificada por uma suposta incompatibilidade de valores, especialmente em relação a pessoas de origem africana e árabe (particularmente os muçulmanos), com os valores republicanos e seculares da França. Nesse sentido, fundamenta-se a integração, um processo assimilatório que, acima de tudo, joga a responsabilidade de suas limitações para os imigrantes, argumentando que apenas aqueles que não desejam abraçar os ideais republicanos são impedidos de alcançar o status de cidadania.

Essa lógica perversa, mascarada na proteção da identidade nacional, justifica políticas agressivas do estado francês, manifestadas no policiamento repressivo, leis antiterroristas ferozes e cada vez mais mortes nas periferias que apenas ressaltam a infeliz relevância do trabalho de Fassin (2013). Portanto, de tal modo, a integração republicana é instrumentalizada para fundamentar um ideal hierárquico de cidadania, o qual fomenta a realidade atroz vivida nos *banlieues* e coloca os habitantes desses locais como cidadãos de segunda classe.

Todas essas violações acontecem sobre um plano de fundo no qual a França e seus governantes se colocam no sistema internacional como o bastião dos direitos humanos. Na perspectiva construtivista das relações internacionais, entende-se o sistema internacional como algo moldado pelas interações, normas e crenças que os Estados promovem em suas relações (Wendt, 1999). Ou seja, quando a França pauta sua identidade em um prisma de humanismo e promove essa visão no cenário internacional, ela reforça seu *soft power*[8] e se coloca em uma posição de liderança moral. Todavia, tal identidade permite ao estado francês, motivado pela ótica do neorracismo, a aplicação seletiva desses valores. Essa dicotomia mostra a simultaneidade contraditória entre a elaboração da identidade francesa nas relações internacionais, na condição de arauto dos direitos humanos ao redor do mundo (inclusive promovendo "intervenções humanitárias"[9]), e a formulação de sua identidade nacional, que admite a segregação interna de imigrantes. Esses que, como foi explicitado, não correspondem às populações de origem europeia, mas sim, povos que vêm, em sua maioria,

[8] Em seu livro "Soft Power: The Means to Success in World Politics" (2004), Joseph Nye Jr. descreve o *soft power* como a competência de um país para influenciar outros sem recorrer ao uso da força, prezando pela atração e pela persuasão.

[9] Desde a independência de suas colônias na África, a França possui um histórico de "intervenções humanitárias" no continente, como em 2002, quando intercedeu na Costa do Marfim, país que passava por uma Guerra Civil.

das antigas colônias, ressaltando o aspecto sociocultural e racial que diferencia o tratamento dessas pessoas em solo francês.

2 A FRANÇA DOS ANOS 90 E INÍCIO DOS ANOS 2000: GOVERNO DE JACQUES CHIRAC

- Antes eu conseguia me comunicar com os jovens. Não mais. E eles me conhecem! Um policial novato não duraria um mês.
- E um árabe em uma delegacia não dura uma hora!
(La Haine; dirigido por Mathieu Kassovitz)

Apesar dos desafios enfrentados no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, a França adentrava o final dos anos 1990 como uma potência consolidada na Europa, agora oficialmente unificada sob o estandarte de União Europeia, por vias do Tratado de Maastricht, assinado no ano de 1992 em cidade homônima nos Países Baixos.

Embora tenha oficialmente perdido suas colônias no continente africano, a França ainda mantinha domínio sobre esses países por meio do Franco CFA, moeda controlada inteiramente pelo país europeu, responsável pela sua emissão, feita pelo Banco Central Francês. Além disso, implementou-se a obrigatoriedade dos países utilizadores da moeda depositarem 50% de suas reservas no Tesouro do "antigo" colonizador (Rosso, 2017; Mathias, 2022). Desse modo, não surpreende que François Mitterrand, o presidente que antecedeu Jacques Chirac, tenha afirmado que "sem a África, a França não teria um lugar no século XXI" (Brito, 2023).

Seguindo adiante, dados de 2022 provenientes do INSEE (Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos, na tradução) colocavam a população francesa como sendo de aproximadamente 60 milhões de pessoas no ano de 1998, com um saldo migratório positivo em pouco mais de 50 mil pessoas. A França possui uma tradição de não coletar dados como etnia, raça, crenças religiosas e políticas, mas ainda assim, a década de 90 caracterizava o país como sendo extremamente desigual, excluindo suas minorias em subúrbios violentos que minavam perspectivas de futuro para jovens e famílias migrantes.

No período pós-Segunda Guerra, a França gozava de uma economia em ascensão com um estado de bem-estar social bem consolidado. Porém, principalmente após choques do petróleo na década de 1970, a economia francesa desacelerou, abrindo espaço para que os governantes flertassem com o neoliberalismo, inicialmente na figura do Primeiro Ministro Raymond Barre, ainda em 1976 (Kus, 2006, p. 514).

Após a eleição do socialista François Mitterrand em 1981, medidas tomadas em prol da "modernização" da economia francesa foram postas em prática, tais como o desmantelamento de subsídios, da política industrial intervencionista e da nacionalização de empresas do setor público. Apesar da implementação dessas reformas, a França continuava a

tentar manter seu estado de bem-estar social, gastando cerca de 27% do seu PIB com esse setor no início da década de 1990 (Kus, 2006, p. 515).

Em um movimento paradoxal, mesmo observando uma queda da desigualdade social no país e um aumento nos salários, a crise econômica chegou à França desacelerando a economia ao passo que o desemprego e a inflação cresciam (Kus, 2006, p. 516-517). Vourc'h, De Rudder e Tripier (1999, p. 77) argumentam que no período entre 1980 e 1992 as taxas de desemprego na França subiram de 6% para 10%, com o aumento para os imigrantes sendo ainda mais vertiginoso: de 9% para 19%, basicamente o dobro.

Essas diferenças se tornam ainda mais evidentes quando colocamos em perspectiva nacionalidades específicas, com uma taxa de desemprego triplicada em relação aos franceses: 34% para os tunisianos, 29% para argelinos e 28% para marroquinos (Vourc'h; De Rudder; Tripier, 1999, p. 77). Assim, observa-se novamente a questão integratória na sociedade francesa, uma vez que no âmbito da atuação profissional os empregadores do país priorizavam nacionalidades com uma "maior proximidade cultural"[10] e que seriam, em tese, mais fáceis de se integrar (Vourc'h; De Rudder; Tripier, 1999, p. 77-81).

Esse era o cenário do país quando Jacques Chirac assumiu a chefia do poder executivo, em maio de 1995. Chirac, que concorria pelo partido "Reagrupamento para a República", havia derrotado o candidato Lionel Jospin, do Partido Socialista, o mesmo de François Mitterrand, que deixava o poder após dois consecutivos mandatos como presidente.

Jacques Chirac já era conhecido no país quando assumiu o cargo, ocupando anteriormente os cargos de Primeiro Ministro e Prefeito de Paris. Enquanto Presidente, Chirac era visto como uma figura carismática, percebido constantemente em meio ao povo, e conhecido pelo seu apreço pela arte, em especial pela poesia japonesa. De origem abastada, Chirac foi educado na Escola Nacional de Administração, conhecida por preparar jovens para o funcionalismo público. Ainda como um jovem adulto, o presidente serviu no exército francês que combatia na Argélia, participando do esforço da metrópole para não perder sua colônia (BBC News, 2019).

A carreira política de Chirac até alcançar a presidência foi marcada, em grande parte, pelo seus ocasionais flertes e cisões com a ideologia gaullista[11], o que o levou a fundar o

---

[10] O antropólogo britânico Michael Herzfeld (2005) define "intimidade cultural" como uma construção social que conecta grupos de indivíduos com base no entendimento de afinidades culturais entre eles.

[11] Ideologia política associada aos ideais do **General Charles de Gaulle,** figura emblemática para a história nacional francesa. Essa ideologia engloba, em grande parte, um nacionalismo exacerbado, associado ao populismo e ao conservadorismo. Verbetes disponíveis em: <https://www.cursosapientia.com.br/conteudo/noticias/dicionario-de-sociologia-para-o-cacd-politica-gaullista> e <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gaullismo>.

anteriormente citado "Reagrupamento para a República" em meados da década de 1970, partido esse que frequentava o espectro da direita francesa (BBC News, 2019).

Recém-eleito, o novo presidente chegava ao Palácio do Eliseu[12] com uma grande querela em suas mãos. A polêmica começou no ano de 1989, seis anos antes de Chirac assumir a presidência, quando três garotas muçulmanas se recusaram a remover seus véus em um colégio localizado nos subúrbios de Paris. Esse foi o primeiro caso dos eventos que tomaram conta da França, no qual garotas eram acusadas de violar a laicidade da República por supostamente "exibirem" suas afiliações religiosas por meio de suas vestimentas (Grady, 2020, p. 32).

Nesse sentido, é imprescindível fazer algumas ponderações. Na França, há um extenso debate sobre a religiosidade na esfera pública, pois a República Francesa é um país secular[13], sendo esse um de seus princípios. Nesse viés, o autor Alain Finkielkraut (2017, p. 24-36), notório pelas suas opiniões problemáticas[14] próximas ao reacionarismo e à xenofobia, argumenta que a laicidade na França deve ser respeitada, pois com o secularismo estatal, símbolos e práticas religiosas, como o véu islâmico, não podem ser transplantados para a vida pública e consequentemente, para ambientes neutros como escolas.

Além disso, Finkielkraut (2017, p. 22-23) chama a atenção para um fenômeno que ele descreve como "comunitarismo". Isso nada mais é do que o isolamento de grupos no interior da França entre eles mesmos, priorizando seus valores particulares em detrimento dos valores e regras gerais da República Francesa. Nesse viés, para Finkielkraut, tal fenômeno afeta especialmente a laicidade, visto que grupos religiosos colocariam sua fé e seus princípios atrelados a ela no topo das regras gerais do país, tornando-os incompatíveis com o modo de vida republicano.

Dessa maneira, a questão do véu tomou os holofotes na França, visto que a administração do país enxergava essa suposta violação à laicidade republicana como uma questão prioritária na integração dos imigrantes de origem islâmica. Isso leva à compreensão de que o governo francês, apesar de supostamente ser comprometido a respeitar diferenças culturais, busca, na ótica de Jean-Loup Amselle (2003) "assimilar" os migrantes e seus valores em um processo que suas raízes sumam e eles sejam homogeneizados em uma cultura predominante.

---

[12] Palácio Presidencial Francês, localizado em Paris e usualmente utilizado para se referir ao Governo da França.
[13] Por definição, o secularismo é quando o Estado é separado da religiosidade em suas instituições governamentais. Verbete disponível em:<https://www.dicio.com.br/secularismo/>.
[14] Ver a notícia disponível em:<https://www.marianne.net/societe/alain-finkielkraut-repond-ses-censeurs-antiracistes-le-fascisme-c-est-vous>.

Esse ideal repressor e assimilacionista ficou também muito nítido nos casos de violência policial contra jovens de origem imigrante nos *banlieues*. Como Fassin (2013) mostrou em sua obra, os imigrantes em solo francês vivem em uma cruel dualidade. Por um lado, eles lidam com a repressão governamental, condicionada pelas forças policiais que servem primordialmente ao Estado e não aos indivíduos, e por outro, têm também que lidar com a falácia integradora, muito mais próxima da assimilação forçada prevista por Amselle (2003) do que dos ideais republicanos discutidos anteriormente.

Ainda que seja uma política do estado francês não divulgar dados demográficos específicos, como raça, etnia e religião, é possível compreender muito sobre o país quando voltamos o olhar para as rusgas entre os jovens dos *banlieues* e as forças policiais. Nesse sentido, cerca de dois anos antes de Chirac assumir o Palácio do Eliseu, um jovem de 17 anos de origem congolesa chamado Makomé M'Bowolé foi assassinado pela polícia enquanto estava sob custódia. A morte do adolescente revoltou o país, principalmente a comunidade imigrante, que via em Makomé não apenas um mártir na busca pela justiça contra a violência policial, mas também um lembrete de que aquilo poderia acontecer com qualquer jovem dos *banlieues* (Ayuso, 2024).

A repercussão do caso foi tamanha que inspirou o cineasta francês Mathieu Kassovitz a escrever o roteiro de um de seus maiores sucessos: *La Haine* (1995), lançado no primeiro ano do Governo Chirac na França. A trama do filme acompanha três amigos nas suas vivências diárias em um *banlieue* de Paris após uma noite de protestos e conflitos com a polícia. Os amigos retratados no filme: um negro, um judeu e um árabe são o exemplo perfeito da frase *"Black, Blanc, Beur"*[15] tão endossada pelo poder político na França para descrever o "caldeirão" cultural do país de maneira positiva, e usualmente utilizada pelos torcedores para caracterizar a Seleção Francesa de Futebol e os jogadores que vestem sua camisa. A história da França governada por Chirac também foi marcada por conflitos violentos na periferia, e a distância entre indivíduos de origem imigrante como Makomé M'Bowolé e Zinédine Zidane é muito menor do que parece. Ainda assim, enquanto um foi martirizado em um dos casos mais assustadores da violência estatal contra jovens da periferia, o outro ascendeu como o maior ícone da história esportiva francesa, colocando seu nome no panteão do futebol mundial.

Para além de frases de efeito, a França de Chirac e dos anos 1990 era efetivamente um local de conflito e repressão. Nas palavras do jornalista Fausto Giudice, que se atentava principalmente para assassinatos praticados contra a comunidade árabe:

[15] Na tradução: *"Negros, Brancos, Árabes"*.

> Não houve centenas de africanos ou indochineses assassinados na França simplesmente porque eram africanos ou indochineses. Mas centenas de árabes foram mortos nos últimos vinte anos, principalmente porque eram conhecidos como ou pareciam árabes[16] (Woodall, 1993, p. 22, tradução nossa).

Apesar da fala de Giudice ser certamente limitante, visto que ele apenas se ateve ao assassinato de árabes, a relação entre policiais e minorias étnicas na França da década de 1990 era certamente problemática, visto que as leis criminais francesas não reconheciam crimes violentos motivados por questões de raça ou etnia, o que proporcionou uma grande lacuna para trangressões que vitimaram minorias. Apesar da Lei Gayssot[17] ter sido aprovada no ano de 1990, proibindo a discriminação em suas mais diversas formas, além de criminalizar injúrias raciais e revisionismo histórico no caso de crimes contra a humanidade (como no caso do Holocausto), essa imposição ainda não tratava especificamente dos crimes violentos motivados por questões étnico-raciais (Naidoo, 2019, p. 79-80).

As mortes de jovens árabes e africanos pelas mãos de policiais se tornaram um cotidiano infeliz na França, o que motivou diversos conflitos, protestos e uma grande desconfiança da juventude perante o papel da polícia em suas comunidades. Tendo em vista estes acontecimentos, a resposta do governo francês foi de incrementar a presença policial nas *cités*[18] em meio aos *banlieues*, aumentando revistas, apreensões e a vigilância no âmbito das populações mais pobres, o que contribuiu não apenas para piorar as tensões, mas também para acentuar a imagem negativa que setores mais conservadores da sociedade tinham dos imigrantes, associando-os ainda mais à pobreza, marginalização e violência (Naidoo, 2019, p. 79).

Esses conflitos foram, portanto, materializados em um crescente apoio ao partido de extrema-direita *Front National* (FN), que angariou entre 9% e 16% dos votos no país, se convertendo em uma plataforma política estável na França. Entre a segunda metade da década de 90 e o início dos anos 2000, período que compreendeu a eleição de Chirac, a vitória no mundial de 1998, e a ascensão da extrema-direita francesa, materializada na figura do FN, a França foi um dos países com reações mais duras a determinados eventos internacionais, principalmente aqueles que repercutiam no seio da comunidade árabe e muçulmana do país. (Naidoo, 2019, p. 79-82).

---

[16] No original: "*There have not been hundreds of Africans or Indochinese murdered in France simply because they were Africans or Indochinese. But hundreds of Arabs have been killed in the last twenty years, principally because they were known to be (or looked like) Arabs."*

[17] Lei aprovada em 1990 na França, batizada em homenagem ao parlamentar Jean-Claude Gayssot, do Partido Comunista Francês. Foi vista como uma reiteração da lei anti-racismo passada 18 anos antes, em 1972. (Naidoo, 2019, p. 75-80).

[18] Conjuntos de moradias populares construídas pelo governo francês nos *banlieues*, que passaram a acomodar grandes contingentes de famílias imigrantes, especialmente árabes e africanas. (Naidoo, 2019, p. 74-75).

Conflitos entre israelenses e palestinos no Oriente Médio reverberaram na França em ainda mais embates entre jovens árabes e as forças policiais, em um gesto de simpatia desses indivíduos em relação à Causa Palestina. Em 2001, com o Ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, a preocupação com o extremismo islâmico ganhou força na Europa. A França, epicentro de comunidades árabes muçulmanas, provenientes principalmente das antigas colônias no norte africano, começou a movimentar seus aparatos legislativos visando coibir possíveis atentados (Naidoo, 2019, p. 79-82).

Ainda em 2001, nos Estados Unidos, Chirac foi o primeiro líder mundial a visitar Nova Iorque e Washington após os atentados do 11 de Setembro, em um gesto extremamente simbólico. Para o então presidente francês, a ação militar não era a melhor alternativa para combater o terrorismo[19], optando por defender a diplomacia, além do estabelecimento de um Estado Palestino para solucionar parte das tensões no Oriente Médio (Bryant, 2011;VOA News, 2009).

Internamente, já em 2001 a França passava uma série de medidas para fomentar o contra-terrorismo, aumentando ainda mais a repressão e o policiamento nos *banlieues*. Um relatório de 2002[20] da Comissão Francesa de Direitos Humanos serviu para endurecer essas medidas, revelando que 62% dos crimes motivados por raça eram de natureza antissemita, o que levou os Ministros do Interior e de Justiça a advogarem por maior atividade policial e aumento de prisões nas *cités*, agravando os problemas de violência citados anteriormente (Naidoo, 2019, p. 82-83).

Foi apenas em 2003 que a Lei Lellouche, batizada em homenagem ao parlamentar que a propôs, entrou em vigor impondo penas mais severas para crimes violentos motivados por raça, religião, nacionalidade ou etnia. Lellouche representou um avanço de décadas na França, ainda que a violência racial no país estivesse longe de cessar (Naidoo, 2019, p. 83-84).

Como Marc Ángelil e Cary Siress (2012) elucidam, as animosidades fazem parte do cotidiano das pessoas que vivem nos *banlieues*, essas que reconhecem com muita clareza as discriminações étnico-raciais e de classe reforçadas pelo Estado e que conservam a sua marginalização. Nesse sentido, dialogando com Fassin (2013) o preconceito inerente à polícia francesa como instituição, apenas reforça o ciclo contínuo de violência nas periferias. O saldo infeliz desses confrontos fica muito claro nas palavras de Ángelil e Siress (2012, p. 63):

---

[19] Chirac notabilizou essa postura se opondo à Invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003. Ver a notícia disponível em:<https://www.npr.org/2019/09/26/764561501/jacques-chirac-french-president-who-opposed-u-s-iraq-war-is-dead-at-86>.

[20] Ano que também culminou na reeleição de Chirac, derrotando Jean-Marie Le Pen, do FN, no segundo turno.

> (...) Na verdade, a visão de carros queimando é comum na França. Quase todas as manhãs, nos arredores de Paris e outras cidades francesas, as ruas estão cobertas com os restos carbonizados de automóveis incendiados na noite anterior[21] (tradução nossa).

As ideias discutidas neste capítulo corroboram para elucidar melhor o que foi a França dos anos 90 sob a tutela de Jacques Chirac. O mesmo país de Zidane, Thuram, Karembeu, Desailly, entre outros grandes craques, era o lugar no qual até 2003 não se aplicavam penas mais severas para crimes violentos perpetrados por razões étnico-raciais. E, todavia, é importante ressaltar que por mais que a Lei Lellouche representasse um grande avanço, ela não estaria nem perto de fazer cessar a violência policial nos *banlieues.*

A mesma França que levou milhões às ruas para celebrar a taça conquistada por um elenco multicultural em 1998, condicionava os habitantes dos *banlieues* a revistas e batidas policiais simplesmente pela marginalização promovida pelo governo.

Já no ano de 1999, dos 3,25 milhões de estrangeiros na França, cerca de dois terços eram provenientes de fora da Europa (2,06 milhões), com a maioria deles vindo de países que possuem laços coloniais com os franceses. No início dos anos 2000, o *think tank* francês *Institut Montaigne* tornou público um relatório que colocava os árabes norte-africanos (magrebinos) como a maior população de origem muçulmana na Europa já na década de 90, estimando que, em 2004, entre 5 e 6 milhões de magrebinos vivam na França. De acordo com esse mesmo relatório, a população negra francesa estaria estimada na casa das 2 milhões de pessoas (Sabeg; Méhaignerie, 2005).

Portanto, o que fica claro aqui é que os problemas estruturais na França da época de Chirac remontam a um passado não muito distante de colonização e exploração que se perpetuou em uma parcela muito significativa da população vivendo em condições execráveis, sujeitos à marginalização, ao desemprego, à falta de oportunidades e, no contexto dos mais jovens, especialmente, à violência policial (que não é simplesmente um abuso de poder). Como ilustrado por Fassin (2013) a violência policial na França não é um remédio, ela é um sintoma claro de um sistema que possui raízes muito profundas, historicamente negligenciando aqueles que no passado tiveram seus lares dizimados pela potência colonial e migraram com a esperança de, na metrópole, conseguir uma vida dignamente humana que foi negada aos seus antepassados.

Nesse meio, o futebol surge como uma realidade paralela para esses imigrantes, na qual eles podem se expressar livremente, visto que o esporte não é apenas uma linguagem de

---

[21] No original: *"In truth, the sight of burning cars is common in France. Almost every morning in the outskirts of Paris and other French cities, streets are littered with the charred remains of automobiles set afire the night before."*

compreensão universal, mas também uma prática na qual as raízes dos indivíduos não são o foco, e sim o seu talento e empenho. Além disso, o esporte bretão se constituiu em uma das poucas plataformas que ofereciam uma visão alternativa da França, para longe do racismo e da xenofobia intrínsecos à sociedade e instituições do país (Dubois, 2014).

O título da Copa do Mundo em 1998 proporcionou ao poder político na França o momento mais vantajoso da história do país para mascarar o que se passava nos *banlieues.* Afinal, o mundo obviamente se lembra mais de *Zizou* desfilando elegância contra o Brasil em *Saint-Denis* do que do jovem negro da periferia que perdeu sua vida em uma estação policial. Ainda assim, seria extremamente contraditório afirmar que os feitos da Seleção Francesa em 1998 são insignificantes socialmente. Aquela geração fez milhões de torcedores ao redor do mundo vibrarem com a sua vitória, eternizando o seu feito para um país que jamais havia conquistado um Mundial. No entanto, a imagem construída e exportada pela geração de 98 seria objeto de um propósito extremamente perverso nas mãos do poder político francês.

2.1 O Mundial de 1998 e a seleção *"Black, Blanc, Beur"*

O ano de 1998 exaltou os ânimos dos fãs de futebol trazendo a 16° edição da Copa do Mundo da FIFA, quatro anos depois do mundial realizado nos Estados Unidos e vencido pela seleção brasileira. A sede da vez era a França, que havia se preparado com modernos estádios para o evento e avançada infraestrutura. Os franceses carregavam uma grande esperança no time que poderia vencer o mundial pela primeira vez, tendo em vista que os melhores anos dos *Bleus* haviam sido na década anterior, quando conquistaram de maneira invicta e pela primeira vez a Eurocopa e o Ouro Olímpico, ambos no ano de 1984. Essa era a oportunidade perfeita para levantarem a taça do mundo pela primeira vez, pois como afirmou o sociólogo britânico Anthony Giddens (1985), a identidade de uma cultura nacional é fortalecida a partir de grandes eventos políticos, como eleições, celebrações nacionais e também grandes eventos esportivos.

O "rosto" daquele time era, sem dúvidas, Zinédine Zidane, craque da Juventus da Itália, e que chegava ao Mundial próximo de completar seus 26 anos. *Zizou* como é conhecido, nasceu de uma família de imigrantes argelinos no *banlieu* de *La Castellane*, nos arredores da cidade de Marselha, bairro famigerado pelas altas taxas de crime, desemprego e por ser o lar de inúmeros imigrantes e seus descendentes. Quando jovem, a família de Zidane, composta por berberes oriundos da Argélia, já demonstrava apreço pelo futebol, apoiando a Seleção Argelina, vista por muitos como um grande símbolo do triunfo da nação africana

contra o colonialismo francês[22]. Ainda assim, desde jovem *Zizou* optou por defender o seu país de nascença, em uma decisão vista como natural pelo próprio. De fato, tendo crescido e sido educado na nação europeia, é extremamente compreensível que Zidane tenha optado pelo time de azul ao invés das "Raposas do Deserto"[23]. Independentemente disso, a opção pela França ao invés da Argélia seria alvo de críticas de torcedores mais ferrenhos durante toda a carreira do craque marselhês (Dubois, 2014, p. 116-117).

Além de Zidane, diversos outros craques daquela seleção tinham origens fora do continente europeu, como Lilian Thuram, que emigrou da pequena Ilha de Guadalupe para a França, onde viveu no *banlieu* de *Fontainebleau* com sua mãe solteira; Marcel Desailly, ganês de nascimento que foi adotado por um diplomata francês após este casar-se com sua mãe; e Christian Karembeu que emigrou da Nova Caledônia para a França visando seus estudos e sua formação como atleta, e que além de tudo, se recusava a cantar o hino nacional francês devido ao passado colonial do país. Todos esses grandes jogadores não só possuíam suas raízes fora da França, mas também carregavam um passado de luta para se firmarem nas terras francesas, com o futebol representando uma forma de fugir da marginalização que marcava os imigrantes em meio à sociedade (Bhamra, 2019; Buckley, 2002; Swaminathan, 2017).

A campanha francesa no Mundial de 1998 foi memorável. A fase de grupos viu um passeio dos *Bleus*, que venceram todos os seus jogos e ficaram no topo do Grupo C. Em sequência, nas oitavas-de-final, o jogo disputado contra o Paraguai terminou com vitória pelo placar mínimo apenas na prorrogação; nas quartas, vitória nos pênaltis contra a então vice-campeã mundial, a Itália; nas semifinais, vitória apertada contra a surpreendente seleção croata, 2x1 no tempo regulamentar, o que levou os *Bleus* a uma final inédita contra a então campeã mundial, a poderosa seleção brasileira (Ribas, 2022).

A final da Copa de 1998, sediada no *Stade de France* em *Saint-Denis*, *banlieu* da cidade de Paris, ficou marcada por uma vitória esmagadora da França sobre o Brasil, 3x0 com dois gols de Zizou e um de Petit, já nos acréscimos. Notadamente, dos 11 jogadores que iniciaram a partida contra a seleção brasileira, 5 possuíam suas raízes no exterior da França, fora os demais que compunham o banco de reservas. Nesse sentido, a composição étnica daquele time o fez levar a alcunha de *"Black, Blanc, Beur"* que na tradução significa "Preto, Branco, Árabe", fazendo os jogadores caírem nas graças de todo o país (Bullé, 2018).

---

[22] França e Argélia travaram de 1954 a 1962 uma guerra que acabou com o jugo colonial francês sobre o país africano.

[23] Alcunha utilizada pelos torcedores para se referirem à Seleção Argelina de Futebol.

Zidane, o maior expoente daquela geração vitoriosa chegou a ter seu rosto estampado no Arco do Triunfo, monumento emblemático que remete à época de Napoleão Bonaparte e do esforço colonial francês. O time *"Black, Blanc, Beur"* transcendeu as barreiras esportivas, sendo comemorado como um símbolo de união entre todos os franceses, sejam eles negros, brancos ou árabes (Bullé, 2018). Ademais, a vitória francesa em *Saint-Denis* também foi carregada de significado, uma vez que a seleção nacional levantava a taça em um *banlieu*, fazendo menção aos inúmeros jovens dessas comunidades que sonham em um dia vestir a camisa dos *Bleus*.

Quanto ao carismático presidente Chirac, ele acompanhou de perto a campanha daquela seleção na sua condição de chefe de estado, estando em meio aos jogadores após a vitória sobre o Brasil, celebrando a conquista inédita do Mundial. Além disso, após o título, Chirac veio a público elogiar aquele time como um retrato de uma França "humana" e multicultural, mesmo enquanto a questão do véu e os conflitos nas periferias ainda eram pauta de debates em seu governo (Adler, 2022).

Portanto, aqui fica clara a postura que o governo francês adotou perante o título mundial: utilizá-lo como um artifício para projetar ao mundo a imagem de uma França que não existia. Quando Chirac afirmou publicamente que aquele time e seus jogadores eram o retrato de um país humano e multicultural, ele passou por cima de todas as pessoas que, confinadas a uma realidade cruel nos *banlieues*, viviam o oposto daquilo descrito pelo Presidente.

Isso mostra que o interesse do poder político francês era transformar a seleção em um retrato de um país plenamente integrado, e que havia com sucesso lidado com o seu passado colonial e acolhido aqueles que escolheram a França como sua casa (Hare, 2003, p. 134-136).

Essa manobra buscava mascarar a realidade social do país, onde desigualdades, criminalidade, exclusão, racismo e xenofobia ainda eram parte cotidiana dos imigrantes que lá viviam, projetando a proposta assimilacionista do governo francês como bem-sucedida e viável. Nas palavras de Geoff Hare:

> O que a vitória na Copa do Mundo parece ter feito foi fornecer uma metáfora para discutir essas questões: ou a seleção multirracial era apresentada como prova de diversidade cultural e étnica integrada que contribui para um projeto nacional compartilhado ou a solidariedade do trabalho em equipe bem-sucedido foi destacada como prova da "francesidade" assimilada por parte de jogadores etnicamente diversos. Zidane foi central nesta metáfora política e social e, nesse sentido, sua celebridade penetrou mais profundamente na psique nacional do que seus

> predecessores Kopa e Platini. O debate não foi uma prova de que a longo prazo os problemas dos banlieues foram resolvidos[24] (Hare, 2003, p. 136, tradução nossa).

O intuito do posicionamento de Chirac pode ser explicado partindo do conceito de "ideologia" nos termos formulados por Karl Marx e Friedrich Engels (2007)[25]. Para os autores, a ideologia tem por finalidade o falseamento da realidade perante o campo das ideias, servindo para que a classe dominante instrumentalize seus ideais em meio às classes subalternas. Sendo assim, partindo de Marx e Engels (2007) pode-se depreender que às classes dominantes na França, interessa que o país se mostre ao mundo como igualitário e multicultural, ao passo que isso seja internalizado pelas classes subordinadas, mesmo que vá de encontro às suas convicções e à realidade material. Para o filósofo marxista Louis Althusser[26], os Aparelhos Ideológicos do Estado, diferentemente dos Aparelhos repressivos do Estado, que funcionam principalmente pela violência (como a polícia, por exemplo), atuam de maneira predominante por meio da ideologia. Assim, os AIE funcionam de tal forma que os indivíduos se submetem aos ideais da classe dominante de maneira inconsciente, internalizando uma visão de mundo que vai contra sua atividade prática (Althusser, 1980).

Portanto, com a constante reprodução midiática e política dos feitos da Seleção Francesa no Mundial de 1998, os indivíduos passam a internalizar que a França é um país no qual os imigrantes, suas práticas e particularidades são respeitadas, mesmo que a realidade concreta esteja distante disso. Logo, como Althusser (1980) afirma, a dominação passa a ser reproduzida sem uma necessidade constante de violência e dominação física.

Nesse viés, ao passo que a geração de 98 foi celebrada como o "símbolo de uma nova França, vencedora, uma República multiétnica em paz consigo mesma" (Hare, 2003, p. 119), era questão de tempo até que esse discurso mostrasse os sinais da sua fragilidade, o que pôde ser observado com clareza já em 2001, quando os *Bleus* enfrentaram a Argélia em uma partida amistosa.

---

[24] No original: *"What the World Cup victory seems to have done is to provide a ready metaphor to discuss these issues: either the multiracial national team was presented as proof of integrated cultural and ethnic diversity contributing to a shared national project, or the solidarity of successful teamwork was highlighted as evidence of assimilated 'Frenchness' on the part of ethnically diverse players. Zidane was central to this political and social metaphor, and in this respect his celebrity has burrowed far deeper into the national psyche than his predecessors Kopa and Platini. The debate was not proof that the long-term problems of the banlieues had been solved."*

[25] Apesar da bibliografia utilizada neste trabalho não ser predominantemente de cunho marxista, o pensamento de Marx e Engels se mostrou essencial no processo de elucidação da pesquisa. O conceito de ideologia formulado pelos filósofos alemães oferece um caminho para a explicação do motivo por trás da instrumentalização da Seleção Francesa pelos políticos do país.

[26] Assim como no caso do conceito de ideologia para Marx e Engels, Althusser e sua leitura particular do marxismo demandariam uma discussão mais aprofundada, o que ultrapassa o objetivo do trabalho. Para a presente pesquisa, resta a intenção de apontar que no processo de instrumentalização da Seleção Francesa, há, no fundo, uma questão ligada à dominação de classe.

O encontro entre as duas seleções, primeiro desde a independência do país africano[27], serviu para ilustrar a dualidade vivida pelos descendentes de argelinos em solo francês. Gastaut (2008) nos lembra que a partida, realizada em outubro de 2001, foi cercada de inquietações perante a possibilidade de um atentado terrorista de "origem islâmica", visto que o mundo vivia as consequências imediatas do 11 de setembro. Em campo, enquanto o craque franco-argelino Zinédine Zidane era celebrado por todo o estádio, os imigrantes e seus descendentes se dividiam, principalmente aqueles que eram franceses de segunda e terceira geração, em dúvida sobre para qual seleção iria a sua torcida.

A partida, que acabou com uma invasão de campo por parte dos torcedores perto do final do segundo tempo, ao passo que as autoridades presentes nos *Stade de France* foram evacuadas, demonstra um rompimento com o entusiasmo de 1998. A mídia e a sociedade na França, que estavam em êxtase desde a vitória no Mundial, se dividiram em suas opiniões sobre a imigração e seus impactos na coesão nacional. A separação de ânimos no estádio e os tumultos entre os torcedores, que incluíam vaias ao hino francês, mostraram como o processo de integração republicano era falho e limitado, escancarando as divergências entre o discurso oficial do governo e os desafios enfrentados pela sociedade francesa da virada do século XX para o XXI (Gastaut, 2008).

De fato, uma das falácias que foram fomentadas em decorrência da Copa do Mundo era a de que aquela seleção era um time incontestável, abraçado por todos os franceses. Quando na realidade, setores mais conservadores da sociedade eram muito céticos quanto ao time que representava o país. Isso ficou muito nítido nos pronunciamentos de Jean-Marie Le Pen, presidente do já citado *Front National*, partido de extrema direita que ascendeu na França dos anos 90.

Em 1996, dois anos antes da conquista do Mundial, Le Pen afirmou que era "artificial trazer jogadores estrangeiros e chamá-los de Seleção Francesa" e ainda complementou dizendo que "a maioria deles não era nem capaz de cantar o hino nacional". Para Le Pen, não importava que maioria esmagadora daqueles futebolistas tivessem nascido na França[28] e que o hino nem sempre tivesse sido cantado por todos os jogadores, incluindo a geração de Michel Platini, que até então tinha representado o ápice do futebol francês (Delcambre, 2024).

É evidente que as declarações de Le Pen não vieram repentinamente. O político francês escolheu palavras que encontram ressonância na sociedade francesa, mesmo com o

---

[27] Disponível em:<https://www.eurosport.fr/football/france-algerie-2001-omar-belbey-pour-eurosport-a-l-approche-du-match-on-sentait-que-ca-puait-l-embro_sto8566166/story.shtml>.

[28] Dos campeões mundiais em 1998, apenas Desailly, Vieira, Karembeu e Thuram nasceram fora da França.

status heróico da seleção campeã em 1998. Apesar da celebração do sucesso daqueles jogadores, a vitória não foi capaz de eliminar as profundas questões identitárias que marcavam o país, evidenciando, acima de tudo, as falhas do processo republicano de integração. Le Pen, que fundou o FN em 1972 com o foco de combater a imigração, advogando especialmente contra os árabes que vinham de antigas colônias francesas no norte africano, chegou a defender a proibição da construção de mesquitas na França (BBC News, 2025). Em 1988, ele recebeu 14% dos votos para presidente, subindo a marca para 15% em 1995, e 16,86% em 2002, o que o garantiu no segundo turno, que apesar disso, acabou com a reeleição de Chirac (BBC News, 2025). O respaldo político que Le Pen recebeu por consecutivos anos no país deixa evidente que suas falas problemáticas não eram apenas devaneios de um extremista isolado, mas sim reflexos de uma França incapaz de lidar com seu passado colonial.

2.2 A questão do véu e a liberdade religiosa na França

Como foi dito anteriormente, Chirac havia assumido a presidência da França em um momento fervoroso de debates no país, devido ao fato de que anos antes meninas muçulmanas tinham sido expulsas de seu colégio em *Creil*, *banlieu* parisiense, após se recusarem a remover o véu de suas cabeças, símbolo importante para muitas mulheres seguidoras do Islã. Essa não seria a primeira ocorrência do tipo, com casos similares sendo chamados de *affaires du voile* (questões do véu) e se alastrando por todo o país (Grady, 2020, p. 32).

A questão central dessas ocorrências se encontrava no extenso debate sobre a laicidade na França, onde muitos enxergavam o véu como um símbolo de proselitismo religioso, incompatível com os ideais republicanos e com o estilo de vida pública defendido no país. Porém, como bem destacado por Joan Wallach Scott (*apud* Grady, 2020, p. 32), as questões do véu iam muito além da preocupação com a laicidade, passando principalmente pelo preconceito que não só a religião islâmica e seus seguidores, mas também os contingentes populacionais oriundos das ex-colônias francesas, enfrentavam no país.

Exigia-se dos árabes e africanos que migraram para a França que abandonassem suas raízes e fossem homogeneizados o quanto antes, pois não bastava que o colonizador tivesse explorado e furtado suas terras por séculos, ele também queria apagar as origens dessas pessoas e moldá-las à sua própria imagem, escondendo esse processo assimilatório atrás de um suposto ideal de igualdade.

Nesse sentido, os debates que cercavam as questões do véu, tendo surgido em 1989, desaguaram em 2003, quando o presidente Chirac definiu que esses casos deveriam ser investigados a fundo, para elucidar se o princípio da laicidade estava sendo respeitado nas escolas francesas. Assim, Chirac apontou o político de longa data Bernard Stasi como presidente de uma comissão para investigar esse tópico, essa que consequentemente ficaria conhecida como Comissão Stasi (Grady, 2020, p. 33).

A investigação esbarrava em questões muito maiores que seu objetivo inicial, se debruçando sobre as já conhecidas dificuldades acerca da integração dos imigrantes e das desigualdades que os cercavam. Em última instância, parecia haver um entendimento no cerne da Comissão Stasi de que os valores do Islã iam de encontro aos valores da República Francesa. Nesse viés, setores mais conservadores do país passaram a enxergar esses imigrantes de origem muçulmana como uma ameaça à França e à unidade nacional, pois possuíam valores que divergiam muito do que era aceitável perante à ótica republicana (Grady, 2020, p. 34).

No fim das contas, a Comissão Stasi concluiu que, em prol da tão estimada coesão social e nacional, símbolos religiosos nas escolas seriam responsáveis por reforçar o comunitarismo e impediriam os estudantes de se vincularem à República e aos seus valores seculares. Portanto, portar tais símbolos seria uma ameaça à unidade nacional e ao aprendizado teoricamente neutro (Carvalho, 2012, p. 5-6).

Assim, devido às conclusões da Comissão, em março de 2004 foi aprovada a Lei n°2004-228, proibindo o uso do véu e a ostentação de símbolos religiosos nas escolas públicas (Carvalho, 2012, p. 5-6).

Essa medida, que tinha como objetivo proibir o proselitismo e promover a união, se provou extremamente problemática, ao passo que não só coibiu a liberdade religiosa nas escolas, mas também reforçou a desigualdade e a marginalização perante os estudantes muçulmanos, afastando-os das escolas públicas e do sistema educacional. Vale-se ressaltar que no mesmo período no qual vigorou a Comissão Stasi, foi quando a Lei Lellouche finalmente entrou em vigor, impondo penas mais sérias para crimes violentos motivados por raça, etnia, religião ou nacionalidade, depois de décadas de lacunas no direito francês.

Instituições como as escolas, responsáveis por exercer poder sobre o indivíduo, são também uma forma da expressão do domínio das classes dominantes sobre as classes

dominadas (Foucault, 1998)[29]. Portanto, a questão do véu na França não é apenas sobre transparência religiosa, e sim sobre outro aparato de uma opressão sistemática e instrumentalizada do governo francês contra a população de origem imigrante, assim como os constantes casos de violência policial nos *banlieues.*

Assim, é interessante fazer referência ao pensamento de Frantz Fanon (1968, p. 28-29), e sua descrição da diferença entre as cidades dos colonizadores e dos colonizados:

> A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas zonas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. (...) A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sombras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas. Os pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a medina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. (...) A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. (...) É uma cidade de negros, uma cidade de árabes.

Fanon, ao descrever as cidades nas colônias, acaba por retratar analogicamente o contraste existente na França, com os imigrantes de origem africana e árabe sendo limitados a viver nos *banlieues*, marginalizados e privados de seus direitos básicos, pois seus costumes ameaçam não só a laicidade, mas também o republicanismo. Compelido por esta ameaça, o presidente Chirac, ao formular a Comissão Stasi e acordar a Lei n°2004-228, reproduziu o pensamento colonial do qual pretendia supostamente se afastar ao celebrar o franco-argelino e muçulmano Zinédine Zidane e a conquista da primeira Copa do Mundo para os milhares de torcedores presentes no *Stade de France.*

A seleção "*Black, Blanc, Beur"* formada por jogadores de origens diversas constituía, de fato, um retrato muito mais próximo do Império Colonial Francês do que de uma França multicultural e humana, como Chirac e o poder político do país queriam fazer transparecer. A integração republicana, celebrada em polvorosa no ano de 1998, mostrava claros sinais de sua farsa com episódios marcantes, como os tumultos no amistoso entre França e Argélia em 2001, a Lei n°2004-228, três anos depois, além da ascensão da extrema-direita materializada nas figuras de Jean-Marie Le Pen e do FN.

---

[29] No mesmo sentido de Marx, Engels e Althusser, as ideias de Foucault sobre poder, domínio e o papel das instituições categorizam debate complexo, e abordá-lo em sua totalidade ultrapassa o objetivo do presente trabalho.

Para além disso, a questão do véu e a legislação subsequente (Lei n°2004-228) serviram para demonstrar também o controle estatal sobre o Islã pretendido pelo governo francês, em uma espécie de esforço para manter a religião restringida sobre os teóricos valores seculares da República Francesa, o que será melhor explorado adiante.

2.3 O interregno: breves considerações sobre Sarkozy e Hollande

No ano de 2007 teve fim o governo de Jacques Chirac, que havia governado por dois mandatos, desde 1995[30]. Em uma eleição decidida no segundo turno, o conservador Nicolas Sarkozy venceu a socialista Ségolène Royal, e se tornou o 23° presidente da França.

Assim como Chirac, Sarkozy possuía uma carreira política consolidada, servindo por duas vezes como Ministro do Interior. Todavia, o recém-eleito presidente contava também com um rol bem diversificado de colocações polêmicas. A exemplo disso, ainda no Governo Chirac, em 2005, após a morte trágica de dois jovens de raízes tunisianas e malinenses que foram eletrocutados em uma subestação elétrica quando fugiam de uma blitz policial, os *banlieues* parisienses eclodiram em protestos (Bullé, 2018). Em meio às manifestações violentas, conflitos entre policiais e manifestantes despontaram nessas periferias, com um episódio infame de gás lacrimogêneo sendo atirado em uma mesquita enquanto o povo clamava por justiça. Sarkozy, na figura de Ministro do Interior visitou a localidade, prometendo que o governo "se livraria daqueles marginais" (Bullé, 2018).

A afirmação de Sarkozy serviu de ebulição para os setores mais progressistas da sociedade francesa, com o craque Lilian Thuram, campeão mundial em 1998 e sempre engajado em pautas sociais se manifestando em uma coletiva de imprensa da Seleção Francesa para criticar a colocação de Sarkozy (Bullé, 2018):

> Lembro quando eu era pequeno e ia à escola, os garotos diziam: "ele é um marginal porque mora em *Avon*[31]". Não sou um marginal. Só quero trabalhar e melhorar na vida. Por que me chamam assim? Não é verdade. Quando ouvi essas palavras, fiquei magoado. Levei para o lado pessoal, porque cresci na periferia. Talvez Sarkozy não entenda exatamente o que disse, mas eu levo para o lado pessoal, porque cresci lá.

Em outro prisma, a administração de Sarkozy, em continuidade ao seu antecessor, mostrou novamente um Estado extremamente presente em relação às questões que tocavam a

[30] O primeiro governo de Jacques Chirac teve duração de 7 anos. No ano 2000, um referendo no país reduziu o mandato para 5 anos, assim, após sua reeleição em 2002, Chirac ficou no poder até 2007, totalizando 12 anos à frente do executivo francês. Ver a notícia disponível em:<https://www.rfi.fr/br/brasil/20220503-quatro-sete-ou-oito-anos-quanto-tempo-deve-durar-o-mandato-presidencial>.

[31] Comuna localizada na região de Île-de-France, zona metropolitana de Paris.

laicidade na sociedade francesa. Foi nesse período que a primeira escola muçulmana privada de ensino médio foi aberta na França, na cidade de Lille, a mando de Sarkozy. Bem como, com a supervisão do presidente, foi estabelecido o CFCM (*Conseil français du culte musulman* ou Conselho Francês da Fé Muçulmana, na tradução) (Samers, 2020, p. 64). Na visão de Murat Akan, (2009, p. 239 *apud* Samers, 2020, p. 64) as medidas tomadas por Sarkozy inauguraram um "crescimento do multiculturalismo atrelado ao estado na esfera pública". Por outro lado, é importante notar que, nesse mesmo período, nas escolas públicas ainda vigorava a proibição do véu e de quaisquer outros símbolos que demonstrassem afiliação religiosa.

Nesse sentido, Sarkozy demonstrou por outras vezes a sua intenção de centralizar cada vez mais a administração da identidade nacional e da diversidade religiosa. Foi durante seu mandato que o Conselho de Estado definiu o *niqab* (uma das variações dos véus utilizados pelas mulheres muçulmanas) como conflitante com os valores da República, em especial, a igualdade entre os gêneros (Bertossi, 2012, p. 438 *apud* Samers, 2020, p. 64). Sarkozy se mostrou favorável a essa acepção, categorizando a *burqa* (outra variação desse tipo de vestimenta) como "um símbolo de subserviência" que não seria tolerado em solo francês (Lettinga; Saharso, 2012, p. 327 *apud* Samers, 2020, p. 64).

Nesse viés, mesmo que um número muito pequeno de mulheres utilizassem a *burqa* ou o *niqab* na França, aproximadamente entre 350 e 2000 (Bertossi, 2012 *apud* Samers, 2020, p. 64), Sarkozy estabeleceu uma investigação parlamentar para estudar a possibilidade de banir esse tipo de vestimenta de ser utilizada em público. Assim, em abril de 2011, entrou em vigor a proibição do *niqab* e da *burqa* em espaços públicos no país, estabelecendo um novo marco contra as comunidades francesas de origem islâmica (Bertossi, 2012; Lettinga; Saharso, 2012 *apud* Samers, 2020, p. 65).

Em suma, Nicolas Sarkozy, atrelado à ótica do secularismo francês, buscou ao máximo adotar uma ótica centralizadora de administração do Islã na França, utilizando-se da burocracia estatal para indicar o que era ou não aceitável em meio à constituição da identidade nacional do país, excluindo os símbolos e particularidades da minoria muçulmana francesa.

Nesse sentido, aqui fica claro mais um episódio no qual os valores da integração republicana na França são vistos com nitidez, coibindo as pessoas (nesse caso específico, as mulheres) de professarem sua fé em nome de um ideal de cidadania ligado ao teórico secularismo na vida pública. Novamente pode-se retomar o conceito de neorracismo ligado à construção do "eu" e do "outro", ao passo que as características culturais de uma religião são

associadas a um ideal de subserviência e incompatibilidade com a identidade nacional francesa (Balibar, 1991; Campbell, 1992).

Nas vésperas das eleições presidenciais de 2012, Sarkozy endureceu cada vez mais a entrada de imigrantes legais no país, colocando obstáculos burocráticos contra aqueles que tentavam constituir suas vidas na França, passando a traçar paralelos relacionando a imigração com a pobreza e a falta de segurança, em uma tentativa de angariar apoio dos eleitores do partido de extrema direita *Front National* (FN). Apesar disso, François Hollande, candidato do Partido Socialista (PS) e que se mostrava mais tolerante com as questões relativas à imigração foi eleito no segundo turno, em um período no qual já se observava a ainda maior ascensão dos ideais atrelados à extrema direita na França (Carvalho, 2018 *apud* Samers, 2020, p. 65).

Porém, antes de adentrar no governo de François Hollande, é necessário retornar à Seleção Francesa. Aquela geração que havia encantado o mundo em 1998 não era mais a base dos *Bleus*. Craques como Zidane, Thuram, Karembeu e Desailly já haviam se aposentado ou encerrado seus ciclos perante a seleção, proporcionando espaço para que novos talentos surgissem e se desenvolvessem, com o maior deles provavelmente sendo outro franco-argelino, o centroavante Karim Benzema.

Na Copa do Mundo de 2006, responsável por marcar o fim do ciclo de Zinédine Zidane com a seleção, os *Bleus* chegaram à final e caíram perante à Itália, mostrando sinais claros de desgaste, com campanhas pífias nos posteriores grandes torneios da FIFA, sucumbindo na fase de grupos em ambas Eurocopa de 2008 e Copa do Mundo de 2010.

Assim, Raymond Domenech, treinador da seleção desde 2004, foi demitido após a eliminação na África do Sul, sendo substituído ainda em 2010 por Laurent Blanc, um dos remanescentes da geração vitoriosa em 1998. Nessa perspectiva, em 2011 uma denúncia alarmante tomou conta da mídia no país: supostamente havia sido acordado entre dirigentes da Federação Francesa, também com o aval de Blanc, uma cota visando limitar a presença de atletas negros e árabes nos centros de formação da entidade[32]. Com a polêmica instaurada na Federação, Blanc negou ter participado da elaboração de tais cotas e acabou sendo inocentado (Bullé, 2018).

O então treinador continuou no comando da seleção até meados de 2012, quando após nova campanha fraca, a França foi eliminada nas quartas-de-final da Eurocopa deste mesmo

[32] A Federação Francesa de Futebol dispõe de inúmeros *CNFs* ou Centros de Futebol Nacional, na tradução. Esses locais têm como finalidade o desenvolvimento de jovens talentos do futebol no país, com o mais famoso deles sendo o *Clairefontaine*, localizado em cidade homônima nos arredores de Paris.

ano. Blanc foi substituído por Didier Deschamps, outro remanescente da geração de 1998, que recebeu a missão de reformular o time e espantar os maus resultados que haviam marcado o período posterior à Copa de 2006 (BBC, 2012).

O interessante desse caso é que, face aos maus resultados que marcaram um time em clara decadência após o grande sucesso de campanhas anteriores, os grandes culpados foram os negros e os árabes, ilustrando a capilaridade que a fala de Le Pen encontrou na Federação Francesa de Futebol. Afinal de contas, para um país com um histórico colonial tão latente e que se diz tão humano e multicultural quanto a França, a realidade aparentava um certo desprezo pelos jogadores que conservavam suas raízes fora do país europeu.

Feita essa digressão sobre o estado no qual os *Bleus* se encontravam, retornamos ao governo de François Hollande, eleito em 2012, no mesmo ano em que Deschamps assumiu a seleção.

Os primeiros anos do Governo Hollande foram marcados pela temperança em relação aos temas de integração e migração, já que o presidente dizia enxergar essa questão como chave para o destino nacional francês. Ainda assim, Hollande insistia nos ideais de integração dos imigrantes por meio das doutrinas republicanas, o que mostra que, na França, a ideia de integração republicana é uma política estatal, que independe do espectro político dos governantes (Samers, 2020).

Nesse viés, Michael Samers (2020, p. 66) busca mostrar algumas das ferramentas que o Governo Francês utilizava para a regulação religiosa nas cidades de Rennes e Toulouse. Os chamados "Conselhos Seculares", os quais, estabelecidos em meados dos anos 2010, objetivavam o diálogo entre as religiões, bem como a regulação de quais atividades religiosas seriam admissíveis na esfera pública, estando de acordo com o secularismo previsto pela integração republicana.

Todavia, após os ataques terroristas em Paris no mês de novembro de 2015, a retórica "equilibrada" de Hollande à respeito da imigração se enrijeceu, com o presidente publicamente associando o tema a uma ótica de segurança interna e externa, em um processo de securitização (Samers, 2020, p. 66). Retomando as idéias de Campbell (1992), a distinção entre o nacional e o estrangeiro nunca ficou tão clara, fortalecendo a posição de Hollande para hostilizar com força total as pessoas no espectro "indesejado" do país, com foco na comunidade muçulmana, que passou a ser atrelada ao prisma de enfrentamento ao terror.

Com o objetivo de combater o terrorismo, Hollande declarou estado de emergência, ao passo em que conduziu incursões nos *banlieues*, fechou mesquitas suspeitas de radicalismo, e restabeleceu as fronteiras no âmbito da União Europeia (Samers, 2020). Além disso, outros

ataques terroristas, como o ocorrido na cidade de Nice, em julho de 2016, serviram para inflamar ainda mais a população francesa e a securitização no interior do país, o que levou o Parlamento a estender o estado de emergência, que durou até a eleição de Emmanuel Macron. A França se encontrava em ebulição social, em um momento em que a fé islâmica no país era ainda mais cercada por ansiedade e desconfiança. Esses atentados terroristas serviram para colocar as discussões sobre imigração e laicidade tão em alta e tão cercadas por ferrenhas críticas como nunca havia sido visto na história francesa (Samers, 2020, p. 67).

Assim, o Governo de François Hollande chegava ao fim em um momento em que as pautas colocadas pelo *Front National* estavam fervilhando, e a prova seria tirada nas eleições de 2017, entre o centrista Emmanuel Macron (*En Marche!*) e a candidata de extrema-direita Marine Le Pen (FN), filha de Jean-Marie. Se colocada em um espectro, essa eleição representaria décadas de maturação de um pensamento radical que havia encontrado em dois atentados o combustível para aumentar sua popularidade. Explorando o medo e a indignação dos franceses, o partido de Le Pen, apoiado na suposta falha do multiculturalismo francês e na ameaça jihadista, preparava-se para um desempenho histórico nas eleições presidenciais.

3 O MACRONISMO E A NOVA GERAÇÃO DE OURO DOS *BLEUS*

É sobre uma sociedade em declínio. E enquanto cai, continua dizendo a si mesma: "Até aqui, tudo bem... Até aqui, tudo bem... Até aqui, tudo bem." Não é como você cai que importa. É como você pousa!
(La Haine; dirigido por Mathieu Kassovitz)

Apesar da crescente força da extrema-direita, o pleito de 2017 acabou por consagrar a eleição de Emmanuel Macron, que derrotou Le Pen no segundo turno e assumiu o Palácio do Eliseu ainda naquele ano. As propostas do presidente acerca dos temas relacionados imigração destoavam daquelas de sua concorrente, prezando por uma abordagem ainda muito ligada ao modelo de integração republicana, focando em melhorar as condições de vida das populações nos *banlieues* (Samers, 2020, p. 68).

Para além disso, Macron buscou se utilizar de uma retórica que se afastava do "multiculturalismo" e da "assimilação", para se aproximar do que o presidente descrevia como um "Viver Junto"[33]. Ainda assim, a concepção de Macron estava muito próxima da assimilação descrita por Amselle (2003), já que ele defendia que os valores e a cultura francesa deveriam ser transmitidos de maneira orgânica para os imigrantes. Isso fica muito claro em um discurso de 2016, quando Macron ainda servia como Ministro da Economia (Samers, 2020, p. 68):

> Sejam seus nomes Jean ou Malika, essa é a identidade francesa… Isso não é algo que nos dividirá; não é algo que queremos remover, porque a identidade francesa é um projeto que nos faz avançar; é algo que estamos no processo de inventar. A identidade francesa nunca é restrita[34] (Samers, 2020, p. 68, tradução nossa).

Com essa fala de Macron, podemos observar como é implícita a dicotomia, mesmo que não intencional por parte dele, entre o ser "francês" e o ser "árabe", revelado quando o então Ministro da Economia diz: "Sejam seus nomes Jean ou Malika…". Apesar do objetivo da fala de Macron ser argumentar que a identidade francesa não é algo posto, mas sim em desenvolvimento e que deve ter influências de todos que ali vivem, comparar um nome de origem francesa e um nome de origem árabe remete ao traçar uma fronteira entre o que é doméstico, e parte da identidade nacional, e o que é externo e estrangeiro, em uma dinâmica de *self* (eu) e *other* (outro) (Campbell, 1992).

Apesar de se pautar como um "europeísta", sempre demonstrando apoio aos países da União Européia que recebiam imigrantes e refugiados, como era o caso da Alemanha de

---

[33] *Vivre Ensemble.*
[34] No original: "*Whether their names are Jean or Malika, that is French identity…That is not something that will divide us; it's not something that we want to remove, because French identity is a project, which progresses us further; it's something that we are in the process of inventing. French identity is never narrow*."

Merkel, Macron se viu em uma posição de duras medidas anti-imigratórias, visando coibir o reaparecimento da chamada "Selva de Calais"[35], um campo de refugiados na região norte da França, próximo à fronteira belga e ao Canal da Mancha. Além disso, partiu dele a intensificação da criminalização de imigrantes sem documentos, aumentando o número de deportados da França (Samers, 2020).

Em termos legislativos, no ano de 2018, no segundo ano do Governo Macron, foi aprovada na França uma nova Lei de Asilo e Migração, a qual foi classificada pela associação *Human Rights Watch*[36] (2018) nas seguintes palavras:

> O principal objetivo da lei, aprovada em 1º de agosto, parece ser dificultar a obtenção de asilo. Os pedidos agora precisam ser feitos dentro de 90 dias após a entrada em território francês ou há de se enfrentar um processo rápido com menos salvaguardas.
> Os direitos de apelação foram restringidos. Alguns requerentes de asilo que são rejeitados, incluindo aqueles de países considerados "seguros", podem ser deportados antes mesmo que o tribunal de asilo decida sobre seu recurso. Embora a remoção segura de requerentes de asilo rejeitados seja uma política válida, as novas regras aumentam substancialmente o risco de que pessoas que precisam de proteção possam ser removidas indevidamente para enfrentar a morte, tortura ou outros danos irreparáveis[37] (tradução nossa).

Samers (2020) argumenta que as medidas implementadas por Macron se deram por uma crescente pressão da opinião pública, ainda em polvorosa devido à expansão e adesão do povo às pautas da extrema-direita. Portanto, mesmo apoiado na sua filosofia do "Viver Junto", que por si só, já é problemática, Macron pautou suas decisões não só pelo medo do terrorismo, mas também pelo temor em um fortalecimento ainda maior do FN.

Por outro lado, quando passamos a ótica para a Seleção Francesa daquele período, Macron era um de seus ferrenhos apoiadores, seguindo a cartilha de seu antecessor, Jacques Chirac. O time, já reformulado após a contratação do ex-jogador Didier Deschamps para o cargo de treinador, era ainda mais multicultural do que o comandado pela genialidade de *Zizou* em 1998. Nesse sentido, o grande destaque daquela seleção era sem dúvidas o jovem

---

[35] A "Selva de Calais" , campo de refugiados localizado em cidade homônima na França e que foi desmantelado em 2016, ficou notório pelas duras repressões policiais desde que Macron assumiu a presidência em 2017, as quais, muitas das vezes, envolviam o uso de violência, visando coibir seu reaparecimento. Ver a notícia disponível em:<https://ihu.unisinos.br/categorias/602782-em-calais-as-condicoes-de-vida-dos-refugiados-sao-piores-que-na-selva>.

[36] Organização internacional não governamental que defende, fiscaliza e analisa os direitos humanos ao redor do globo.

[37] No original: *"The main aim of the law, passed August 1, seems to be to make it harder to obtain asylum. Applications now need to be made within 90 days upon entering French territory or face a fast-track process with fewer safeguards. Appeal rights have been curbed. Some asylum seekers who are rejected, including those from countries deemed "safe," may be deported even before the asylum court rules on their appeal. While safe removal of rejected asylum seekers is a valid policy, the new rules substantially increase the risk that people who need protection could be wrongly removed to face death, torture, or other irreparable harm."*

Kylian Mbappé, de apenas 19 anos. Filho de um camaronês e uma argelina, Mbappé se destacava pela sua extrema velocidade e dribles estonteantes. Mesmo sendo um dos mais jovens daquele elenco, sua ascensão meteórica no AS Monaco[38] e posterior venda ao Paris Saint-Germain, maior campeão francês, fez de Kylian o rosto do time e figura de confiança para Didier Deschamps (Grimes, 2021).

Para além do jovem Mbappé, inúmeros outros jogadores daquele time possuíam raízes fora da França. Curiosamente, do time titular que iniciou a estreia na Copa do Mundo de 2018, contra a Austrália, todos os jogadores possuíam algum tipo de ascendência fora da França. Todavia, os com raízes em antigas colônias ou dependências francesas eram a larga maioria: 7 (Varane, Umtiti, Tolisso, Kanté, Pogba, Mbappé e Dembélé). Se contarmos com o banco de reservas, esse número é ainda maior, com 17 dos 23 convocados descendendo de países na Ásia, África e América Central, com alguns até nascidos fora da França, como o zagueiro Umtiti, nascido em Iaundé, Camarões, e o goleiro Mandanda, nascido em Kinshasa, na República Democrática do Congo (Breteau *et al*, 2018).

Assim, em uma campanha que começou devagar, mas viu a França crescendo no mata-mata, os *Bleus* bateram a forte seleção croata na decisão, pelo placar de 4x2, com gols marcados por Griezmann, Pogba, Mbappé e Mandžukić, esse último tendo marcado contra sua própria meta. Pelo lado da Croácia, Perišić descontou e o próprio Mandžukić também marcou a favor. Pela segunda vez em 20 anos, a França conquistava o mundo, enquanto Macron fez jus ao seu antecessor e esteve não só presente na final, mas também se manteve em contato direto com o time, motivando os jogadores em busca do bicampeonato (Lavieri, 2018; Lance, 2018; Terra, 2018).

No fim das contas, Macron, que se encontrava sob críticas naquele momento em seu governo, sabia que se atrelar à vitoriosa Seleção Francesa poderia guinar sua popularidade internamente, ao passo que mais uma vez os *Bleus* eram ressaltados como o grande símbolo de uma "próspera nação multicultural" (Terra, 2018).

Na prática, o Bicampeonato Mundial representou uma oportunidade estratégica para Macron reforçar sua imagem em um momento de descontentamento interno na França. As imagens do Presidente vibrando de pé sobre as tribunas do Estádio *Luzhniki* e celebrando com os jogadores assim como Chirac havia feito 20 anos antes, renovaram a percepção de Macron como um governante pró-multiculturalismo e capaz de guiar um país diverso e vitorioso.

---

[38] Apesar de sua sede ser o Principado de Mônaco, o time homônimo é registrado pela Federação Francesa de Futebol e disputa o campeonato do país vizinho, devido a proporção territorial monegasca impossibilitar a criação de uma competição local.

Todavia, quando voltamos um olhar mais crítico para o "Viver Junto" pautado pelo Presidente e seus apoiadores, vemos uma clara continuação das políticas vistas quando Jacques Chirac estava à frente do executivo: adequar os imigrantes ao ideal de cidadania francesa, conjecturada como secular e igualitária para todos, mas na prática perseguindo e diferenciando apenas certas minorias.

À mercê do temor ligado ao FN e à extrema direita, a postura de Macron perante a Crise Migratória na França se mostrou como uma continuação não só do Governo Hollande e suas duras medidas pós-atentados, mas também como uma sequência da integração republicana. Por sinal, a guinada na popularidade de Macron após o Mundial foi curta, visto que 4 meses depois, os Coletes Amarelos (*Gilets Jaunes*, em francês) tomaram as ruas do país, com reivindicações que começaram exigindo uma diminuição nos preços da gasolina e do gás e desaguaram em reformas fiscais, justiça social e soberania popular. Nas palavra de Monique Murga, sindicalista aposentada:

> As políticas neoliberais aplicadas na França tanto pelo ex-presidente Nicolas Sarkozy quanto pelo também ex-presidente François Hollande, mas especialmente pelo atual, Macron, resultaram em um congelamento de salários e aposentadorias por dez anos, o que significa uma perda de poder de compra entre 7% e 10%. E, ao mesmo tempo, a tributação direta e indireta, os impostos e as taxas aumentaram de forma constante, bem como os preços da energia (o preço do gás aumentou 20% em 10 anos, ele é importante para os franceses, por causa do aquecimento), enquanto os serviços públicos estavam em declínio, particularmente nas áreas rurais (Fernandes, 2019).

Aqui, faz-se necessário um apontamento do jornalista Ramin Mazaheri (2022, p. 203) sobre a persona de Emmanuel Macron:

> A falta de contato e de empatia de Macron pelas massas francesas explica suas constantes gafes de relações públicas (muito longas para listar aqui), o que forçaria seus assessores a mantê-lo longe do público francês tanto quanto fosse possível. Ao contrário do também aristocrata Valery Giscard d'Estaing[39], Macron não poderia sequer tentar esforços normais de relações públicas, os quais ele nem pareceu desejar fazer. Surpreendentemente, numa França impulsionada pelos ataques à Charlie Hebdo[40] à pensar em si mesma como uma nação que exigia uma imprensa forte, Macron só realizou a sua primeira conferência midiática dois anos após o início do seu mandato, e cinco meses após a crise dos Coletes Amarelos[41] (tradução nossa).

---

[39] Presidente da França de 1974 a 1981, fortemente ligado à aristocracia do país.

[40] Revista satírica sediada em Paris, na qual, no dia 7 de janeiro de 2015, um massacre realizado por extremistas islâmicos vitimou 11 pessoas, dentre elas, Stephane Charbonnier, editor da revista. Ver a notícia disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz7q4p5j1jlo>.

[41] No original: "*Macron's lack of contact with and empathy for the French masses explains his constant public relations gaffes (too long to list here), which would force his handlers to keep him away from the French public as much as possible. Unlike the also aristocratic Valery Giscard d'Estaing, Macron could not even attempt normal public relations efforts and nor did he appear to desire to do so. Stunningly, in a France pushed by the Charlie Hebdo attack to think of itself as a nation which demanded a strong press, Macron did not hold his first press conference until two years into his term and five months into the Yellow Vest crisis*."

Os protestos dos Coletes Amarelos em toda a França serviram para mostrar o alinhamento político de Macron para longe das demandas do povo e como um defensor da manutenção das elites políticas do país. Apesar das medidas do presidente francês para tentar remediar a situação, os Coletes Amarelos seguiram fielmente suas manifestações por meses, contribuindo também para que a popularidade de Macron despencasse (G1, 2019).

De fato, Ramin Mazaheri argumenta que, de certa forma, a eleição de Macron na França se deu muito mais pelo temor em relação à extrema-direita do que, necessariamente, pelo apoio ao plano de governo macronista. Nas palavras dele:

> Macron nunca teve nada próximo de um mandato amplo para as suas políticas, mas governaria perigosamente como se o tivesse feito: quando subtraímos a abstenção, os votos em branco ou propositadamente anulados (o melhor voto de protesto permitido em França) e os eleitores que disseram ter votado em Macron simplesmente para bloquear Le Pen (43%), então a contagem final de 66% de Macron traduziu-se em apenas 24% do eleitorado total ter efetivamente selecionado Macron pelas suas políticas ou personalidade[42] (Mazaheri, 2022, p. 201, tradução nossa).

Voltando nosso olhar para a Seleção Francesa, novamente fica claro que, seguindo a linha de seus antecessores, Emmanuel Macron utilizou-se dos *Bleus* como um meio para um fim, no qual o *status quo* da integração republicana se mantém, os imigrantes continuam a sofrer represálias, como no episódio dos desmanches violentos das tentativas de restabelecimento da "Selva de Calais" e o discurso de país humano e multicultural é sustentado pelas vitórias da Seleção, e reproduzido pela mídia e pelo Estado. De Chirac até Macron, o uso político dos *Bleus* não só prosseguiu, mas se intensificou.

Um claro exemplo dessa continuidade das políticas acerca da população de origem imigrante foi o assassinato de Nahel Merzouk, jovem de apenas 17 anos com ascendência marroquina, após uma blitz policial no dia 27 de junho de 2023 em *Nanterre*, subúrbio de Paris. A morte de outro jovem de origem nas antigas colônias francesas pelas mãos da polícia desencadeou uma série de protestos no país, e o saldo após oito dias foi de duas mortes e mais de mil feridos. A trágica morte do jovem Nahel ilustra o ciclo da violência policial que pode ser retomado desde o mandato de Chirac, com o assassinato de Makomé M'Bolowé e posteriormente com a morte dos rapazes que foram eletrocutados em uma subestação elétrica após fugirem de uma blitz policial (RFI, 2024).

---

[42] No original: "*Macron never had anything close to a broad mandate for his policies but would dangerously govern as though he did: When we subtract abstention, blank or purposely spoiled ballots (the best protest vote allowed in France) and those voters who said they voted for Macron simply to block Le Pen (43%), then Macron's 66% final tally translated into only 24% of the total electorate having actually selected Macron for his policies or personality*."

Novamente, o ciclo de violência que vitima jovens dos *banlieues* não pode ser visto como um processo separado da integração republicana, visto que, na prática, os imigrantes e seus descendentes na França sofrem com as estruturas de um Estado motivado pela ótica neorracista e que se mantém atrás da suposta perspectiva multicultural que, apesar de ser fomentada por símbolos, como a Seleção Francesa, não se sustenta na prática (Balibar, 1991).

Em agosto de 2021, quase dois anos antes do assassinato do jovem Nahel, foi aprovada na França a Lei Anti-Separatismo, que se apoiou em outro evento traumático: a decaptação do professor de uma escola secundária chamado Samuel Paty, que exibiu caricaturas do Profeta Maomé em uma aula sobre liberdade de expressão. O crime, realizado por um jovem de 18 anos e origem chechena[43] que ficou indignado com o ato de Paty, levou o país a uma comoção generalizada que culminou com uma homenagem nacional ao falecido professor (Ajala, 2023; G1, 2020).

O impacto do assassinato de Paty motivou a aprovação da lei supracitada cerca de um ano depois, a qual é descrita da seguinte maneira nas palavras da professora Imène Ajala (2023):

> A lei, que entrou em vigor em 24 de agosto de 2021, contém várias medidas. Uma das mais substanciais são as novas regulamentações sobre associações culturais e religiosas, que devem submeter uma revisão governamental de suas contas bancárias, declarar doações do exterior e podem ser dissolvidas se promoverem ideias consideradas encorajadoras do ódio. (...) A lei reafirma uma série de princípios, como o estado de direito, o respeito à dignidade humana, a igualdade, a fraternidade, a obrigação de não questionar o caráter secular da República e a obrigação de evitar perturbações à ordem pública. (...) Enquanto continua a separar o islamismo francês de influências estrangeiras, por exemplo, buscando evitar o fenômeno de imãs separados de seus países de origem, ela também exige mais escrutínio das mesquitas[44] (tradução nossa).

Sobre o impacto dessa legislação, Ajala (2023) continua:

> Um ano após sua adoção, a lei levou ao fechamento de mais de 800 estabelecimentos, incluindo mesquitas, salas de oração, escolas particulares, associações culturais e restaurantes. Em 2023, dois anos após sua adoção, a lei também levou a uma redução de 30% no ensino domiciliar; este foi o impacto mais tangível defendido pelo governo. Os outros efeitos são mais difíceis de contabilizar, contribuindo para o fato de que dois anos após sua adoção, a lei continua muito controversa. Em 2020, 48% dos franceses reconheceram que o projeto de lei

[43] Povo nativo do Cáucaso que habita principalmente a República da Chechênia, uma das divisões territoriais e administrativas da Rússia. Dentre os chechenos, predomina o Islã Sunita como religião.

[44] No original: *"The law, which entered into force on 24 August 2021, contains several measures. One of the most substantial is new regulations on cultural and religious associations, which must submit a government review of their bank accounts, declare donations from abroad and may be dissolved if they promote ideas deemed as encouraging hate. (...) The law reasserts a range of principles, such as the rule of law, respect for human dignity, equality, fraternity, the obligation not to question the secular character of the Republic and the obligation to avoid disturbances to public order. (...) While it continues detaching French Islam from foreign influences, for instance seeking to avoid the phenomenon of detached imams from countries of origins, it also calls for more scrutiny of mosques."*

> arriscaria dividir ainda mais a sociedade, embora a maioria (76%) concordasse com o princípio da lei[45] (tradução nossa).

O que pode ser percebido com a aplicação da Lei Anti-Separatismo de 2021 foi a restrição que ela implicou aos muçulmanos franceses e à sua liberdade de culto, traçando um paralelo à Lei de 2004 admitida por Chirac e que limitou o acesso dos mesmos ao ensino público na França ao proibi-los de portar símbolos de sua fé, como o véu. De fato, outro ponto levantado por essa legislação é de que o Islã e seus seguidores devem se submeter ao controle e à fiscalização estatal, o que contribui ainda mais para fatores como a sua estigmatização e marginalização em meio à sociedade francesa.

De fato, em um processo que é notório desde o Governo Chirac, quando ocorreram os Atentados do 11 de Setembro, os muçulmanos franceses são cada vez mais inseridos em uma agenda estatal de combate ao terror que se funde à "domesticação" do Islã (Ajala, 2023). Isso se funde ao conceito de assimilação discutido neste trabalho, que é inserido na ótica da integração republicana como uma forma de "homogeneizar" os muçulmanos dentro de uma identidade nacional francesa e, dessa maneira, teoricamente eliminar o radicalismo. Nesse sentido, o quadro comparativo abaixo busca demonstrar as principais características de Jacques Chirac e Emmanuel Macron:

Tabela 1 - Quadro comparativo entre Jacques Chirac e Emmanuel Macron

PRESIDENTE	Jacques Chirac	Emmanuel Macron
Partido (Espectro Político)	Reagrupamento para a República (Centro-Direita; Direita; Neo-Gaullismo)	Renascimento (Centro; Centro-Direita; Direita)
Período no Poder	1995 à 2007 (Dois mandatos)	2017 à atualidade (Dois mandatos)
Política Externa	Solidariedade com os Estados Unidos pós 11 de Setembro; Oposição à Guerra no Iraque (2003); Intervenção Militar na Costa do Marfim (2002)	Apoio à União Europeia e suas instituições; Retirada militar francesa da África Ocidental (2022)
Eventos Relevantes	Questão do Véu (1989-2003) que desaguou na Comissão	Enfrentamento à Reaparição da Selva de Calais (2017); Copa do

[45] No original: *"One year after its adoption, the law led to the closure of more than 800 establishments, including mosques, prayer rooms, private schools, cultural associations and restaurants. As of 2023, two years after its adoption, the law also led to a 30 percent decrease in homeschooling; this was the most tangible impact as defended by the government. The other effects are more difficult to account for, contributing to the fact that two years after its adoption, the law remains very controversial. In 2020, 48 percent of the French people acknowledged the bill would risk dividing society further, even though the majority (76 percent) agreed on the principle of the law."*

	Stasi (2003); Copa do Mundo de 1998; Amistoso entre França e Argélia (2001)	Mundo de 2018; Manifestações dos Coletes Amarelos (2018-19); Assassinato de Samuel Paty (2020); Assassinato de Nahel Merzouk (2023)
Leis Relevantes	Lei Lellouche (2003); Lei n°2004-228 (advinda da Comissão Stasi e da Questão do Véu)	Lei de Asilo e Migração (2018); Lei Anti-Separatismo (2021)
Relação do Governo com a Seleção Francesa	Utilizou-se da Seleção para pautar a França como um país "humano e multicultural" ao passo que aprovou leis que ferem direitos de minorias no país. Apesar disso, foi durante seu mandato que surgiu a Lei Lellouche, um avanço de décadas na legislação criminal do país.	Utilizou-se da Seleção para alçar uma guinada de popularidade em um momento de extrema contestação interna, ao passo que em seu governo também foram passadas leis que ignoraram direitos de minorias, principalmente da comunidade muçulmana.

Fonte: elaboração própria com base nas referências bibliográficas.

Ademais, como foi visto neste capítulo, Emmanuel Macron é um grande defensor da lógica de homogeneização, e o seu "Viver Junto" é uma maneira dissimulada de encaixar o assimilacionismo de imigrantes em um ideal fantasioso de construção da identidade nacional, visto as leis aprovadas e endossadas durante seu governo. A diferenciação entre o doméstico e o estrangeiro faz parte de uma visão que nunca abandonou o governo francês, independentemente de quem estivesse à frente do poder executivo, como pode ser visto no quadro acima. Imène Ajala (2023) resume essa questão de maneira sublime ao analisar os pormenores da Lei Anti-Separatismo:

> A lei antisseparatismo pode ser lida como parte de um contínuo da abordagem do Estado francês ao islamismo e suas minorias muçulmanas, usando a laicidade e a filosofia de assimilação da integração para reforçar o controle das associações muçulmanas e promover o objetivo do Estado de construir uma forma de islamismo sancionada pelo governo. É duvidoso que tais medidas realmente ajudem a restringir o radicalismo islâmico, mas seu impacto na liberdade de culto e no direito de associação é evidente. Embora as comunidades muçulmanas sejam o principal alvo da lei, ela também ameaça as liberdades de outros grupos que expressaram seu descontentamento, demonstrando que, além da securitização e dos sentimentos antimuçulmanos que continua a perpetuar, ela corre o risco de restringir o espaço da liberdade democrática[46] (tradução nossa).

[46] No original: *"The anti-separatism law can be read as being part of a continuum of the French State's approach to Islam and its Muslim minorities, using laïcité and the assimilation philosophy of integration to reinforce the control of Muslim associations and furthering the State's aim of building a governmentally sanctioned form of Islam. It is doubtful whether such measures will truly help curtail Islamic radicalism, but their impact on the freedom of worship and the right of association is evident. While Muslim communities are the main target of the*

3.1 Os posicionamentos políticos de Lilian Thuram e Kylian Mbappé

Os *Bleus* e seus jogadores nunca se mantiveram inertes perante aos imbróglios políticos que tomaram a França como palco. Um dos grandes militantes entre os atletas franceses foi o grande defensor Lilian Thuram. Guadalupense de nascença, Thuram vestiu a camisa azul e branca por 14 anos, sendo reconhecido como um dos grandes nomes da seleção. Dentre suas conquistas, estão a Copa do Mundo de 1998, a Eurocopa de 2000 e a Copa das Confederações de 2003 (Bhamra, 2019).

Todavia, não era só dentro de campo que Thuram se destacava: o defensor era reconhecido por ser extremamente inteligente e possuir boa oratória, engajando-se com pautas sociais fora das quatro linhas. Nesse sentido, o campeão do mundo se tornou uma das maiores vozes do movimento anti-racista na França, inaugurando uma fundação com seu nome em 2008, com o objetivo de educar contra o preconceito racial (Doyle, 2021).

Além disso, Thuram escreveu diversas obras com essa temática, com destaque para "Pensamento Branco" (2021), na qual o autor tem por objetivo desconstruir a raça branca, tida como superior. Para ele, o sentido de ser "branco" está indiscutivelmente associado à hierarquização para que as outras raças sejam colocadas como "inferiores", justificando a dominação destas. Portanto, essa construção social, que justificou movimentos como a colonização e possui reverberações ainda nos dias atuais, será o principal alvo das críticas de Thuram em sua obra, como ele explica na seguinte passagem:

> Ecos poderosos desse pensamento moldam as crenças ainda hoje. É mais fácil para pessoas brancas alcançarem certas posições de responsabilidade no seio da sociedade, e isso ocorre porque toda uma parte da opinião pública ainda está firmemente convencida de que apenas os brancos são capazes de cumprir determinadas funções. Vamos ser honestos: dança, esportes, música, essas são as áreas onde esperamos que pessoas negras se destaquem. Embora isso dependa do tipo de dança, esporte ou música de que estamos falando. Raramente é declarado abertamente, mas muitas vezes implica-se que quando se trata de assuntos intelectuais, política, direito, medicina, engenharia, então os brancos estão inteiramente em casa[47] (2021, p. 57, tradução nossa).

Para além da desconstrução do ideal de branquitude, o pensamento de Lilian Thuram (2021) é extremamente ressonante com o do antropólogo Didier Fassin (2013, p. 99) quando

---

law, it also threatens the liberties of other groups who have voiced their discontent, demonstrating that beyond the securitisation and anti-Muslim sentiments it continues to perpetuate, it risks restricting the space of democratic liberty."

[47] No original: "*Powerful echoes of this thinking still shape beliefs today. It's easier for White people to attain certain positions of responsibility right across society, and that's because a whole swathe of public opinion is still firmly convinced that only White people are capable of fulfilling these roles. Let's be honest about it: dance, sport, music, these are the areas where we expect Black people to excel. Although even that depends on the type of dance, sport or music we're talking about. It's rarely stated openly but often implied that when it comes to intellectual matters, politics, law, medicine, engineering, then White people are entirely at home."*

este descreve os termos utilizados pelos agentes da lei para fazer referências pejorativas aos jovens de origem imigrante na França:

> (...) Assim, uma forma particular de a estigmatização sociorracial está inscrita no próprio nome dado a essas jovens que são da França, mas vistos como vindos de outro lugar. O termo contamina não só a imagem que quem os utiliza possui dos indivíduos envolvidos (um "bastardo" não é exatamente um jovem como qualquer outro), mas também as práticas que são permitidas em relação a eles (um "bastardo" certamente merece menos respeito do que outro adolescente). Essa linguagem tem um poder performativo. Chamar os jovens da classe trabalhadora, a maioria deles de origem minoritária, de "bastardos" é trazer à existência uma categoria biológica de infra-cidadão, que deve ser especialmente desconfiado e em relação aos quais práticas específicas tornam-se legítimas[48] (tradução nossa).

Em resposta ao cotidiano social enfrentado pelas minorias em seu país, Thuram não passou a atuar somente por meio de sua fundação, mas também tornou-se embaixador da Unicef e participou ativamente do debate político sobre raça na França (Doyle, 2021).

Nesse sentido, no final de 2008, ano em que parou de atuar com futebolista profissional, Thuram revelou ter recusado o cargo de "Ministro da Diversidade" oferecido pelo então presidente Nicolas Sarkozy, o qual já havia sido criticado pelo próprio Thuram após ter se referido aos jovens dos *banlieues* como "marginais". Todavia, tal fato não impediu que Sarkozy nomeasse Rachida Dati, de origem magrebina, para o Ministério da Justiça, e Rama Yade, oriunda do Senegal, para ocupar o cargo de Secretária de Estado de Direitos Humanos (Diário do Grande ABC, 2009).

Lilian Thuram também ganhou notoriedade por contestar falas problemáticas empreendidas pelo já citado extremista Jean-Marie Le Pen, do *Front National.* Em 2006, durante disputa da Copa do Mundo, às vésperas de uma partida decisiva contra a Seleção Brasileira, enquanto Le Pen insistia em suas críticas à presença de jogadores negros e árabes na Seleção Francesa, Thuram rebateu:

> "Fico muito surpreso de ver que esse senhor, que insiste em se candidatar a presidente, não conhece a história de nosso país. Talvez o senhor Le Pen não tenha sido avisado de que alguns franceses são negros, outros têm cabelo loiro ou castanho. Um norte-americano não se surpreende com jogadores negros em sua seleção de basquete". (UOL, 2006)

Já em 2015, na inquietação social deixada após os atentados ocorridos em novembro na capital francesa, Thuram se posicionou em entrevista concedida à uma rádio local, em uma

---

[48] No original: "*Thus a particular form of socioracial stigmatization is inscribed in the very name given to these young people who are from France, but seen as coming from elsewhere. The term contaminates not only the image those using it have of the individuals concerned (a "bastard" is not quite a youngster like any other), but also the practices that are permissible in relation to them (a "bastard" certainly merits less respect than another teenager). This language has a performative power. To call young working-class people, most of them of minority origin, "bastards" is to bring into existence a biological category of infra-citizen, which is to be especially mistrusted, and in relation to which specific practices become legitimate."*

clara crítica à política externa francesa, colocada como uma das principais razões por trás dos ataques extremistas: “O François Hollande disse na sexta-feira que agora estamos em guerra após os ataques. Meu país está em guerra, sim, mas não a partir de agora. A França tem feito guerra fora de suas fronteiras há algum tempo”[49] (Escudeiro, 2015). Além disso, o ex-defensor foi categórico ao ressaltar:

> Em 1998, nosso time era um exemplo de integração, mas isso foi há algum tempo, e, desde então, muita coisa mudou. Por exemplo, tem uma política (Marine Le Pen) que vai à televisão para dizer que a França é um país branco, de religião cristã. O que isso significa? Que os que não são brancos e cristãos não são franceses? Isso leva à violência. Quando você cria divisões em sua comunidade, sempre termina assim. Jovens, que os terroristas buscam para converter, ouvem esses discursos, prestam atenção e pensam: ‘Ah, entendi, eles acham que eu não sou sequer francês'. (Escudeiro, 2015)

O ativismo praticado por Thuram deixou um legado e proporcionou um terreno fértil para que as seguintes gerações de craques franceses se posicionassem acerca do cenário político do país. Após a aposentadoria de Thuram da seleção e o fim gradativo do ciclo dos jogadores que haviam sido campeões mundiais em 1998, o franco-argelino Karim Benzema, surgido nas categorias de base do Lyon, se tornou um dos maiores rostos da seleção nacional.

Benzema, seguindo os exemplos de inúmeros de seus companheiros de time, se recusava a cantar o hino nacional francês: “A Marselhesa”. O atacante, sempre consciente sobre as questões que cercavam sua ancestralidade argelina, optava por ficar em silêncio quando a canção nacional ecoava, muito por conta do seguinte refrão: - Às armas, cidadãos / formai vossos batalhões / marchemos, marchemos! / Que um sangue impuro / banhe o nosso solo -. O hino, criado em meio ao fervor da Revolução Francesa, é, antes de tudo, uma canção de batalha, o que a torna motivo de depreciação em meio aos imigrantes cujas origens remontam aos países que tiveram sua soberania violada no passado pela colonização da França (Lance!, 2022).

Apesar de sua técnica refinada dentro de campo, Benzema não conseguiu repetir o sucesso de Lilian Thuram pela seleção, tendo vencido apenas uma Liga das Nações pelo time principal dos *Bleus* em 2021, já como um veterano. Nesse sentido, outro jogador talentoso de ascendência argelina tomou para si o protagonismo com a camisa azul, o já citado Kylian Mbappé.

Como já foi explicado anteriormente, Mbappé saboreou um sucesso estrondoso ainda muito jovem, vencendo a Copa do Mundo aos 19 anos e empilhando títulos nacionais pelo

[49] Aqui Thuram faz uma clara alusão às já mencionadas intervenções humanitárias empreendidas pela França.

Paris Saint-Germain, rapidamente se tornando um ídolo e inspiração para os jovens não só na França, mas em todo o mundo.

Em vista disso, diferentemente de Lilian Thuram, Mbappé ascendeu em uma era marcada pelo uso extensivo da internet e das redes sociais, que viraram palco para as mais diversas manifestações políticas. Dessa forma, o jovem Kylian já mostrou personalidade na época da Pandemia de Covid-19, quando compartilhou em seu *Instagram*[50] uma foto sua após ter sido vacinado, encorajando as pessoas a fazerem o mesmo em um momento histórico em que a eficácia das vacinas estava sendo colocada em prova globalmente devido à alta disseminação de *fake news*[51].

Em janeiro de 2023, Mbappé voltou a se posicionar publicamente, desta vez em apoio ao seu compatriota Zinédine Zidane, alvo de comentários ásperos do então presidente da Federação Francesa de Futebol, Noel Le Graët, enquanto este rechaçava de maneira grosseira a possibilidade de *Zizou* substituir Deschamps como treinador da Seleção. "Zidane é a França, não desrespeitamos uma lenda assim", disse Mbappé em seu perfil oficial no *X*, sendo acompanhado pela Ministra dos Esportes, Amélie Oudéa-Castéra, que na mesma rede social, publicou: "Mais comentários sem qualquer sensibilidade ainda por cima uma falta de respeito vergonhosa, que fere todos nós, com uma lenda do futebol e do esporte". Ainda em janeiro, Le Graët, notório por negar o racismo no futebol e menosprezar ações contra a homofobia[52], deixou o cargo, sendo substituído interinamente por Philippe Diallo, executivo de origem senegalesa (Lobo, 2023).

Também em 2023, após o cruel assassinato do jovem de origem marroquina Nahel Merzouk, Mbappé foi novamente à sua página no *X* para se posicionar a respeito do acontecimento. "Estou triste pela minha França. Uma situação inaceitável. Todas as minhas condolências vão para a família e pessoas próximas de Nahel, esse pequeno anjo se foi cedo demais."[53], escreveu o atacante francês. A manifestação de Mbappé foi prontamente seguida

---

[50] O jogador é extremamente influente em suas redes. Mbappé possui 123 e 14 milhões de seguidores em seus perfis do *Instagram* e do *X* (antigo *Twitter*), respectivamente.

[51] Apesar do fenômeno global, na França, figuras influentes da extrema-direita se posicionaram a favor da vacinação, mesmo que tomando os devidos cuidados para manter os eleitores contra as vacinas do seu lado. Ver a notícia disponível em:<https://www.france24.com/en/europe/20220216-in-vaccine-sceptic-france-candidates-walk-a-tightrope-on-covid-measures>.

[52] Ver as seguintes notícias:<https://trivela.com.br/franca/ligue-1/le-graet-presidente-da-federacao-francesa-o-racismo-no-futebol-nao-existe-ou-existe-pouco/> e <https://trivela.com.br/franca/presidente-da-federacao-francesa-diz-que-pararia-partidas-por-racismo-mas-nao-por-homofobia-nao-sao-a-mesma-coisa/>.

[53] Disponível em: <https://x.com/KMbappe/status/1673936766871502850?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1673936766871502850%7Ctwgr%5Efe622915fb5277d7875cb1cd8b01948714958048%7Ctwcon

por alguns de seus companheiros de seleção, como o goleiro Mike Maignan, nascido na Guiana Francesa, e o lateral Jules Koundé, que possui raízes no Benin (Al Jazeera, 2023).

No ano seguinte, frente às eleições legislativas na França, quando o partido extremista Reagrupamento Nacional (antigo FN, renomeado em 2018) saiu na frente, Mbappé disse: "Mais do que nunca, temos que ir votar. É realmente urgente. Não podemos deixar o país nas mãos destas pessoas. Vimos os resultados. É catastrófico". Tendo acrescentado posteriormente: "Esperamos que todos se mobilizem e votem no lado bom". Novamente, o posicionamento do craque e capitão do time durante a disputa da Eurocopa de 2024, foi seguido por seus companheiros, notadamente: Jules Koundé, Aurélien Tchouaméni e o próprio filho de Lilian, Marcus Thuram (Carta Capital, 2024).

O que se seguiu foi uma reviravolta histórica, na qual a esquerda venceu as eleições legislativas, apesar de não ter formado maioria. Nas ruas, o povo comemorou, enquanto o Reagrupamento Nacional conseguiu 143 assentos na Assembleia, frente aos 182 da Nova Frente Popular (esquerda) e o Juntos (coalizão governista) com 168 (G1, 2024).

Kylian Mbappé mostrou, fazendo jus ao papel de seu compatriota Lilian Thuram, que os futebolistas franceses, principalmente aqueles que possuem origem nas antigas colônias e vêm da realidade dos *banlieues*, podem e devem atuar como agentes políticos que visam mudanças sociais, militando em favor das minorias francesas. Pois, como superestrelas influentes e idolatradas no país, os jogadores de futebol têm o palco necessário para efetivar e elevar lutas sociais, sendo essenciais no combate às injustiças e aos problemas perenes à França do Século XXI.

%5Es1_c10&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.aljazeera.com%2Fnews%2F2023%2F6%2F28%2Ffrench-president-says-teenagers-killing>.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O argumento desenvolvido neste trabalho é que a Seleção Francesa é retratada como símbolo de um país que, de fato, só existe nos imaginários e nas retóricas políticas. Nesse sentido, os jogadores que entram em campo vestindo as cores da França, apesar de exaltados quando vencem e trazem glórias ao país europeu, caracterizam populações historicamente vítimas de um projeto colonial que perdura até os dias atuais.

Apesar de nascerem na França e serem detentores da nacionalidade francesa, eles não são tratados como tal. São imigrantes em um território que colonizou seus lares e se recusa a aceitá-los como cidadãos. E, a menos que eles abram mão de suas identidades, costumes e religiões, essas pessoas são condenadas a viver nos *banlieues* em moldes de segunda-classe, como bem destacado por Fanon (1968, p. 28-29) quando menciona as diferenças entre as cidades dos colonizadores e dos colonizados.

Portanto, constata-se o uso político da Seleção Francesa pelos presidentes dos períodos analisados no presente trabalho. Seja para reforçar uma imagem positiva da França no cenário global ou para angariar popularidade interna em períodos de turbulência, Jacques Chirac e Emmanuel Macron, apoiados por uma extensa rede midiática, são grandes reprodutores da imagem de um França humana e multicultural por meio de sua seleção de futebol.

De fato, pouco importa o espectro ideológico de quem está no poder na França, todos os presidentes seguem a mesma linha integratória para que essas pessoas se tornem "plenamente francesas", pois como Jean-Loup Amselle (2003) afirma: o governo francês busca assimilar os migrantes ao passo em que eles sejam absorvidos à sociedade. Nem mesmo o socialista François Hollande fugiu à fórmula, com as reações violentas contra os muçulmanos na França após os atentados de 2015 e 2016 caracterizando seu governo (Samers, 2020, p. 66-67). A República Francesa, com sua ótica da integração republicana pautada por Schnapper (2007) e pelo próprio Samers, é incapaz de tornar os imigrantes que residem no país parte efetiva de sua sociedade, mostrando o esgotamento e a insuficiência deste modelo de integração, o qual sempre termina em marginalização, violência e desigualdade, apontando para uma dominação de classes que remete à continuação de dinâmicas oriundas período colonial.

Isso fica nítido quando viramos o olhar para os *Bleus*. Como exposto anteriormente, após a Copa do Mundo de 2006 e os últimos componentes daquela geração vitoriosa encerrarem seu ciclo pela seleção, os maus resultados vieram, e sem surpresas, pois era um

time em reconstrução. Porém, os responsabilizados pelos vexames da França foram imediatamente os negros e árabes, dado o escândalo das cotas raciais que tomou conta da mídia francesa na época, mostrando que o discurso extremista de Jean-Marie Le Pen não era apenas um devaneio sem ecos na sociedade no país (Bullé, 2018). Mesmo com a França sendo posteriormente reerguida pelos mesmos negros e árabes, após a vitória no Mundial da Rússia, em 2018, o extremismo continuou pairando sobre a seleção.

Aqui, cabe a fala do centroavante belga Romelu Lukaku, que descreve com perfeição a situação da Seleção Francesa: "O racismo está aí. Se eu vou mal em um jogo, eles se dizem que sou 'belga com ascendência congolesa'. É assim que funciona. Não vou mudar quem eu sou para agradar ninguém" (Extra, 2018).

Os *Bleus* não poderão carregar para sempre o retrato de "França multicultural e humana", assim como será inviável para o governo francês continuar sustentando a segregação social nos *banlieues* e a opressão de seus cidadãos de origem imigrante. A população muçulmana cresce exponencialmente na Europa, e a França não é exceção, ao passo que analistas consideram que a população islâmica francesa pode saltar de 9% na atualidade para até 18% em meados do atual século (G1, 2017).

É cabível, portanto, mencionar o pensamento do intelectual alemão Gerd Baumann (2002), pois para ele, o pleno multiculturalismo não reside na simples coexistência entre diferentes culturas no seio de uma sociedade, como em tese é previsto pelo modelo republicano de integração, mas sim quando esses povos têm suas demandas específicas sendo atendidas pelo governo, que os enxerga e acolhe suas diferenças. Portanto, a França ainda possui um longo caminho a percorrer, ao passo que o selecionado nacional continuará a ser representado pelos que não têm espaço na sociedade francesa e o governo prosseguirá com tentativas falhas de integração e assimilação, enquanto usa esse mesmo time para simbolizar uma sociedade que não existe para além dos discursos políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Nils. ***How immigration 'made French football better'***. Al Jazeera, 2022. Disponível em: <https://www-aljazeera-com.cdn.ampproject.org/v/s/www.aljazeera.com/amp/news/2022/11/30/how-immigration-made-french-football-better?amp_gsa=1&amp_js_v=a9&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16792430434179&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Fwww.aljazeera.com%2Fnews%2F2022%2F11%2F30%2Fhow-immigration-made-french-football-better>. Acesso em: 19 de mar. 2023.

AJALA, Imène. *France's anti-separatism law is increasing the securitisation of Muslims*. ***Melbourne Asia Review***, Edition 15, 7 September, 2023. Disponível em:<https://www.melbourneasiareview.edu.au/frances-anti-separatism-law-is-increasing-the-securitisation-of-muslims/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado.** Editorial Presença/Martins Fontes: Lisboa, 1980.

AMSELLE, Jean-Loup. ***Affirmative Exclusion: Cultural Pluralism and the Rule of Custom in France***. Ithaca: Cornell University Press, 2003.

ANGÉLIL, Marc; SIRESS, Cary. *"THE PARIS 'BANLIEUE': PERIPHERIES OF INEQUITY."* ***Journal of International Affairs***, v. 65, n. 2, 2012, p. 57–67. Disponível em:<http://www.jstor.org/stable/24388218.>. Acesso em: 13 out. 2023.

ANTES da estreia na Copa, Lukaku desabafa sobre ser negro na Bélgica. **Extra**, 2018. Disponível em:<https://extra.globo.com/esporte/copa-2018/antes-da-estreia-na-copa-lukaku-desabafa-sobre-ser-negro-na-belgica-22793416.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

APÓS França vencer a Copa, sorte de Macron pode ganhar força. **Terra**, 2018. Disponível em:<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/apos-franca-vencer-a-copa-sorte-de-macron-pode-ganhar-forca,23f3de521ca0730e867428d0570e2f257d4m656h.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

AYUSO, Julia Webster. *'It's still relevant today': How cult 90s film La Haine reflects France's social issues*. ***BBC News***, 2024. Disponível em:<https://www.bbc.com/culture/article/20241010-how-cult-90s-film-la-haine-reflects-a-divided-france>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BALIBAR, Étienne. Is there a 'Neo-Racism'? *In:* BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. ***Race, Nation, Class:*** *Ambiguous Identities*. Londres & Nova Iorque: Verso, 1991.

BAUMANN, Gerd. ***The Multicultural Riddle:*** *Rethinking national, ethnic, and religious identities*. Nova Iorque: Routledge, 2002.

BHAMRA, James. *HOW A HUMBLE LILIAN THURAM ROSE FROM NOTHING TO BECOME THE WORLD'S BEST RIGHT-BACK*. ***These Football Times***, 2019. Disponível

em:<https://thesefootballtimes.co/2019/01/04/in-celebration-of-lilian-thuram/>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BLANCHARD, Pascal; GASTAUT, Ivan. Football et migration arabe: le temps des pionniers en France (1924-1962). *In:* ***Foot et Monde Arabe:*** *La Révolution du Ballon Rond.* Institut du Monde Arabe: 2019. p. 43-47.

BRETEAU, Pierre; BEAUGRAND, Maxime; MARTEL, Clément; BRANDY, Grégor; VINOGRADOFF, Luc; LESUEUR, Corentin. *Qui sont les Bleus champions du monde 2018?* ***Le Monde***, 2018. Disponível em:<https://www.lemonde.fr/mondial-2018/article/2018/07/16/qui-sont-les-bleus-champions-du-monde-2018_5332096_5193650.html>. Acesso em: 16 fev. 2025.

BRITO, Wevergton. África e a nova luta contra o colonialismo e o neocolonialismo. **Vermelho**, 2023. Disponível em:<https://vermelho.org.br/2023/08/03/africa-e-a-nova-luta-contra-o-colonialismo-e-o-neocolonialismo/#:~:text=%C3%89%20famosa%20a%20frase%20do,a%20Fran%C3%A7a%20no%20s%C3%A9culo%2021%E2%80%9D.>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRYANT, Lisa. *France Remembers 2001 Terror Attacks on the United States.* ***VOA News***, 2011. Disponível em:<https://www.voanews.com/a/france-remembers-2001-terror-attacks-on-the-united-states-129624353/170865.html>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BUCKLEY, Will. *Capital capitaine*. ***The Guardian***, 2002. Disponível em:<https://www.theguardian.com/football/2002/aug/11/newsstory.sport13>. Acesso em 26 nov. 2023.

BULLÉ, Jamille. 20 anos após geração "Black-blanc-beur" de 98, questão racial ainda envolve a França. **Globo Esporte**, 2018. Disponível em:<https://ge.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/20-anos-apos-geracao-black-blanc-beur-de-98-questao-racial-ainda-envolve-a-franca.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CAMPBELL, David. ***Writing Security****: United States Foreign Policy and the Politics of Identity*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1992.

CARVALHO, Tarcísio Amorim. Religião e secularismo democrático: considerações teóricas a partir dos casos da França e da Inglaterra. **Anais dos Simpósios da ABHR**, *[S. l.]*, v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/640>. Acesso em: 29 jan. 2024.

CHIRAC to Visit US - 2001-11-05. ***VOA News***, 2009. Disponível em:<https://www.voanews.com/a/a-13-a-2001-11-05-22-chirac-66425432/550222.html>. Acesso em: 23 jan. 2025.

'COLETES amarelos' protestam na França mesmo após medidas anunciadas por Emmanuel Macron. **G1**, 2019. Disponível em:<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/27/coletes-amarelos-protestam-na-franca-mesmo-apos-medidas-anunciadas-por-emmanuel-macron.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2025.

DELCAMBRE, Alexis. *Les Bleus vs the far right: Three decades of attacks and counterattacks*. ***Le Monde***, 2024. Disponível em:<https://www.lemonde.fr/en/sports/article/2024/06/18/les-bleus-vs-the-far-right-three-decades-of-attacks-and-counterattacks_6675063_9.html>. Acesso em: 30 jan. 2025.

DOYLE, Paul. Lilian Thuram: *'Racism has always been a scam, a political construction'*. ***The Guardian***, 2021. Disponível em:<https://www.theguardian.com/football/2021/oct/28/lilian-thuram-racism-has-always-been-a-scam-a-political-construction>. Acesso em: 9 ago. 2024.

DUBOIS, Laurent. *Racism and the specter of "dual nationality" in French football*. ***Contemporary French Civilization***, vol. 39, no. 1, 2014, p. 111-131. Disponível em:<https://liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/cfc.2014.7>.

ESCUDEIRO, Leo. Thuram defende integração, e não segregação, como resposta da sociedade francesa aos ataques. **Trivela**, 2015. Disponível em:<https://trivela.com.br/franca/thuram-defende-integracao-e-nao-segregacao-como-resposta-da-sociedade-francesa-aos-ataques/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

EX-JOGADOR Thuram recusa cargo de ministro oferecido por Sarkozy. **Diário do Grande ABC**, 2009. Disponível em:<https://www.dgabc.com.br/Noticia/922790/ex-jogador-thuram-recusa-cargo-de-ministro-oferecido-por-sarkozy>. Acesso em: 10 ago. 2024.

INSEE - INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. Demographic Balance Sheet 2021. Paris: ***INSEE***, 2022. Disponível em:<https://www.insee.fr/en/statistiques/6040011?sommaire=6323335>. Acesso em: 13 out. 2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FASSIN, Didier. ***Enforcing Order****: An Ethnography of Urban Policing*. Cambridge: Polity Press, 2013.

FERNANDES, Vivian. Qual a origem, quem são e qual o futuro dos "coletes amarelos" franceses? **Brasil de Fato**, 2019. Disponível em:<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/07/qual-a-origem-quem-sao-e-o-qual-o-futuro-dos-coletes-amarelos-franceses>. Acesso em: 16 fev. 2025.

FINKIELKRAUT, Alain. **A identidade envergonhada**: imigração e multiculturalismo na França hoje. 1° edição. Rio de Janeiro: Difel, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANÇA: Em reviravolta, esquerda vence eleições legislativas, mas não forma maioria. **G1**, 2024. Disponível em:<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/07/07/eleicoes-na-franca-vitoria-esquerda.ghtml>. Acesso em: 27 fev. 2025.

FRANCE Approves Flawed Asylum and Immigration Law. ***Human Rights Watch***, 2018. Disponível em:<https://www.hrw.org/news/2018/08/04/france-approves-flawed-asylum-and-immigration-law>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FROM Macron to Mbappe, France outraged by latest police killing. ***Al Jazeera***, 2023. Disponível em:<https://www.aljazeera.com/news/2023/6/28/french-president-says-teenagers-killing>. Acesso em: 23 fev. 2025.

GASTAUT, Yvan. *Le sport comme révélateur des ambiguïtés du processus d'intégration des populations immigrées: Le cas du match de football France-Algérie.* ***Sociétés contemporaines****,* 2008/1, n° 69. p. 49-71. Disponível em:. Acesso em: 23 set. 2024.

GIDDENS, Anthony. ***The Nation State and Violence***. Cambridge: Polity Press, 1985.

GRADY, Jennifer C. "*Islam and the French Republic: Approaches to Laïcité in the Era of Jacques Chirac and Nicolas Sarkozy*". ***Scripps Senior Theses***. 1558. 2020. Disponível em:<https://scholarship.claremont.edu/scripps_theses/1558>. Acesso em: 13 out. 2023.

GRIMES, Mitchell. *The Story of Kylian Mbappé.* ***Ultra Football***, 2021. Disponível em:<https://www.ultrafootball.com/blogs/ultra-mag/the-story-of-kylian-mbappe>. Acesso em: 16 abr. 2024.

HARE, Geoff. ***Football in France:*** *a cultural history*. Oxford e Nova Iorque: Berg, 2003.

HERZFELD, Michael. ***Cultural Intimacy****: Social Poetics in the Nation-State.* Londres, Routledge, 2005.

HINO da França é xenófobo? Entenda a polêmica com a “Marselhesa” na Copa do Mundo. **Lance!**, 2022. Disponível em:<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/franca/hino-da-franca-e-xenofobo-entenda-a-polemica-com-a-marselhesa-na-copa-do-mundo.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

HUYSMANS, Jeff. *The European Union and the Securitization of Migration.* ***Journal of Common Market Studies***, v. 38, n. 5, 2000.

KUS, Basak. *Neoliberalism, Institutional Change and the Welfare State: The Case of Britain and France*. ***International Journal of Comparative Sociology***, *47*(6), 488-525, 2006.

LA Haine. Direção de Mathieu Kassovitz. França: MKL Distribution, 1995. 1 DVD.

LAURENT Blanc leaves job as France boss after Euro 2012 exit. ***BBC***, 2012. Disponível em:<https://www.bbc.com/sport/football/18659024>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LAVIERI, Danilo *et al.* França domina Croácia, consagra nova geração e é bicampeã mundial da Copa. **UOL**, 2018. Disponível em:<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/07/15/franca-x-croacia.htm>. Acesso em: 16 abr. 2024.

LOBO, Felipe. Noel Le Graët, presidente da Federação Francesa, deixa o cargo após polêmica com Zidane. **Trivela**, 2023. Disponível em:<https://trivela.com.br/franca/noel-le-graet-presidente-da-federacao-francesa-deixa-o-cargo-apos-polemica-com-zidane/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MACRON visita seleção francesa e pede título da Copa do Mundo. **Lance**, 2018. Disponível em:<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/macron-visita-selecao-francesa-pede-titulo-copa-mundo.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATHIAS, Gedeon Chabi Chadrac. **Impacto da moeda Franco CFA no desenvolvimento econômico das ex-colônias francesas na África Subsaariana**. 2022. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MAZAHERI, Ramin. ***France's Yellow Vests**: Western Repression of the West's Best Values*. Jakarta: Badak Merah Semesta, 2022.

MBAPPÉ pede para que os eleitores votem após resultados 'catastróficos' do 1° turno na França. **Carta Capital**, 2024. Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/mundo/mbappe-pede-para-que-eleitores-votem-apos-resultados-catastroficos-do-1o-turno-na-franca/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MOROKVASIC-MULLER, Mirjana; DINH, Bernard; POTOT, Swanie; SALZBRUNN, Monika. *Immigrant France: Colonial heritage, labour (im)migration and settlement*. ***Idea Working Papers***, no. 2, Dezembro de 2008. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/242175840_Immigrant_France_Colonial_heritage_labour_immigration_and_settlement>. Acesso em: 17 de abr. 2024.

MORRE Jacques Chirac: o ex-presidente francês cujo legado foi arruinado por escândalos de corrupção. ***BBC News***, 2019. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49827992>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MORRE Jean-Marie Le Pen: quem foi o polêmico político da direita radical francesa e pai de atual líder opositora. ***BBC News***, 2025. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9wl9x0549do>. Acesso em: 30 jan. 2025.

NAIDOO, Kamban. *Race, ethnicity, discrimination and violence in "colour-blind" France.* ***Fundamina (Pretoria) [online]***. 2019, vol.25, n.2, pp.68-93. ISSN 2411-7870. Disponível em:<https://doi.org/10.17159/2411-7870/2019/v25n2a4.>. Acesso em: 23 jan. 2025.

POPULAÇÃO muçulmana na Europa pode triplicar até 2050. **G1**, 2017. Disponível em:<https://g1.globo.com/mundo/noticia/populacao-muculmana-na-europa-pode-triplicar-ate-2050.ghtml>. Acesso em 17 abr. 2024.

QUEM era Samuel Paty, o professor decapitado na França ao ensinar a liberdade de expressão. **G1**, 2020. Disponível em:<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/17/quem-era-samuel-paty-o-professor-decapitado-na-franca-ao-ensinar-a-liberdade-de-expressao.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2025.

RIBAS, Lycio Vellozo. **O livro de ouro das Copas.** Barueri: Faro Editorial, 2022.

ROSSO, Diulia Dorneles. **As relações entre França e África francófona no período pós-colonial: um estudo de caso da República Centro Africana (1960-2016)**. 2017. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais). Santana do Livramento: Unipampa, 2017.

SABEG, Yazid; MÉHAIGNERIE, Laurence. ***Les oubliés de l'égalité des chances: Participation, pluralité, assimilation… ou repli?*** Paris: Institut Montaigne, 2005.

SAID, Edward. **Cultura e Imperalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAMERS, Michael. The Regulation of Migration, *Integration, and of Multiculturalism in Twenty-First-Century France*. *In:* MIELUSEL, Ramona; PRUTEANU, Simona Emilia. *Citizenship and Belonging in France and North America: Multicultural Perspectives on Political, Cultural and Artistic Representations of Immigration*. ***Palgrave Macmillan***: 2020. p. 55-75. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-30158-3_4#citeas. Acesso em: 7 ago. 2023.

SCHNAPPER, Dominique. ***Qu'est-ce que l'intégration?*** Paris: Éditions Gallimard, 2007.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SWAMINATHAN, Swaroop. *Karembeu, France & New Caledonia — a complex relationship.* ***The New Indian Express***, 2017. Disponível em:<https://www.newindianexpress.com/sport/football/fifa-u-17-world-cup-2017/2017/oct/12/karembeu-france--new-caledonia--a-complex-relationship-1672627.html>. Acesso em: 26 nov. 2023.

THURAM, Lilian. ***White thinking****: Behind the mask of racial identity*. Londres: Hero Press, 2021.

THURAM rebate críticas racistas de político de direita francês. **UOL**, 2006. Disponível em:<https://copa.esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/franca/2006/06/29/ult3646u180.jhtm>. Acesso em: 10 ago. 2024.

UM ANO após a morte do jovem Nahel por um policial na França, sentimento de revolta permanece nos subúrbios. **RFI**, 2024. Disponível em:<https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20240627-um-ano-ap%C3%B3s-a-morte-do-jovem-nahel-por-um-policial-na-fran%C3%A7a-sentimento-de-revolta-permanece-nos-sub%C3%BArbios>. Acesso em: 21 fev. 2025.

VOURC'H, François; DE RUDDER, Véronique; TRIPIER, Maryse. *Foreigners and Immigrants in the French Labour Market: Structural Inequality and Discrimination*. *In*: WRENCH, John; REA, Andrea; OUALI, Nouria. (eds) *Migrants, Ethnic Minorities and the*

Labour Market: Integration and Exclusion in Europe. Migration, Minorities and Citizenship. ***Palgrave Macmillan***: London, 1999. p. 72-92. Disponível em:<https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-27615-8_5#citeas>. Acesso em: 22 jul. 2024.

VILLARD, Florent; SAYEGH, Pascal-Yan. *Redefining a (Mono)cultural Nation: Political Discourse against Multiculturalism in Contemporary France. In: TARAS, Raymond.* ***Challenging Multiculturalism****: European Models of Diversity. Edinburgh University Press:* 2013. p. 236-254. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctt20q22fw.17>. Acesso em: 6 ago. 2023.

WENDT, Alexander. ***Social Theory of International Politics***. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WOODALL, Chris. *Arabicide in France: an interview with Fausto Giudice.* ***Institute of Race Relations****,* Volume 35, Issue 2, 1993. Disponível em:<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030639689303500202>. Acesso em: 23 jan. 2025.